

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZ HENRIQUE VIEIRA DA SILVA

O ESTATUTO FORMADOR DO TRABALHO PARA O CAPÍTULO IV DA
FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL

CURITIBA

2009

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia

**O Estatuto Formador do Trabalho para o Capítulo IV da
Fenomenologia do Espírito de Hegel.**

Luiz Henrique Vieira da Silva

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado, Área de Concentração em História da Filosofia Moderna e Contemporânea na Linha de Pesquisa Linguagem e Representação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vieira Neto

Curitiba

2009



Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA - Mestrado


ATA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Defesa nº 48 de 2009


Ata da Sessão Pública, de Exame de Dissertação
para Obtenção do Grau de MESTRE em
FILOSOFIA, área de concentração: **HISTÓRIA DA
FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA.**

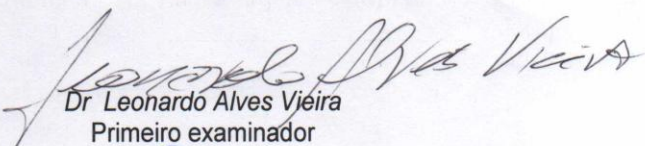
Ao décimo terceiro dia do mês de julho de dois mil e nove, as quatorze horas e trinta minutos, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em FILOSOFIA, composta pelos professores: Dr Leonardo Alves Vieira (UFMG), Dr Joel Alves de Souza (UFPR), sob a orientação do professor Dr Paulo Vieira Neto, com a finalidade de julgar a dissertação do(a) candidato(a) LUIZ HENRIQUE VIEIRA DA SILVA, intitulada “**O ESTATUTO FORMADOR DO TRABALHO NO CAPÍTULO IV DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL**” para obtenção do grau de mestre em FILOSOFIA. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa, feitos pelo Professor Dr Paulo Vieira Neto. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), os membros da banca examinadora deliberaram pela “Aprova” do(a) acadêmico(a), HABILITANDO-O ou NÃO ao título de Mestre em FILOSOFIA, na área de concentração em HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA, desde que apresente a versão definitiva da dissertação conforme Resoluções da UFPR e Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Mestrado. E para constar, eu Aurea Junglos, Secretária Administrativa do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da banca.

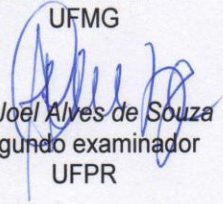
Curitiba, 13 de julho de 2009.


Aurea Junglos

Secretaria Administrativa da PGFILOS/UFPR


Dr Paulo Vieira Neto
Orientador e Presidente da banca examinadora
UFPR


Dr Leonardo Alves Vieira
Primeiro examinador
UFMG


Dr Joel Alves de Souza
Segundo examinador
UFPR

A Amadeu Lopes Vieira (*in memoriam*), avô querido e melhor amigo
que sempre me aconselhou, apoiou e me manteve no prumo.

À Darice Alessandra, minha esposa, pela paciência e apoio nos
momentos mais difíceis da produção da dissertação.

À Eliane do Rocio, minha mãe, que desde a mais tenra idade me
ensinou o valor do estudo e ao apoio e fomento dado.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Paulo Vieira Neto pela orientação, apoio, incentivo, confiança no trabalho desenvolvido e, particularmente, pela amizade.

Ao professor Me. Manuel Moreira da Silva pela amizade e conversas sobre Hegel que sempre me iluminaram e me inspiraram no trabalho de mestrado.

Ao amigo e colega de turma no mestrado Cléber Dias de Araújo pelas conversas e churrascos que me inspiraram na produção deste texto.

Aos amigos Augusto, Claudio e Rafael (Truta) pela amizade, apoio e incentivo que sempre me deram para fazer e concluir o mestrado.

À Priscilla, Solange e Cecília, respectivamente irmã, tia e avó, pelo amor e incentivo que permitiram que eu chegasse a esse estágio da minha vida.

Ao meu pai Adilio Batista da Silva pelo carinho e incentivo dado aos meus estudos desde a mais tenra idade.

Por fim, a todos os meus familiares pelo incentivo que sempre me deram.

“Wer Hegel verstehen will, ist noch immer mit sich allein.”

(Dieter Henrich)

“Quem quer entender Hegel, está sempre mais só consigo.”

(Dieter Henrich)

RESUMO

De acordo com o texto do capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* o trabalho (Arbeit) tem um estatuto formador para a consciência de si. Este estatuto formador do trabalho faz todas as mediações para que a consciência efetive seu Si e seja livre. Essa liberdade ocorre porque o trabalho (Arbeit) numa primeira etapa realiza a satisfação do desejo (Begierde) e numa segunda etapa proporciona à consciência de si a compreensão e efetivação de seu Si. Investigar qual a concepção filosófica que Hegel apresenta ao trabalho (Arbeit), bem como o sentido e funcionamento do estatuto formador do trabalho no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* norteará nossa proposta de pesquisa. Essa investigação exige que revisitemos o conceito de desejo para entender porque o trabalho é desejo refreado (gehemmte Begierde), depois nos concentraremos na compreensão do trabalho (Arbeit) como exteriorização da consciência de si e num segundo momento nos concentraremos na Formação (Bildung) do trabalho (Arbeit) na descoberta da efetividade da consciência de si. Após este percurso nos abrirá uma resposta para qual é o estatuto formador do trabalho.

Palavras-chave: Desejo. Trabalho. Formação. Consciência de si. Hegel.

Abstract

According to what's written in the Chapter IV of *Phenomenology of Mind*, work (Arbeit) has an influence in the creation of the self-consciousness. This influential status of work makes all the mediation in order to the consciousness enforce itself and break free from everything else. This freedom occurs because the work in (Arbeit) a first stage (moment) provides the satisfaction of desire (Begierde), and in a second stage (moment) provides to the self-consciousness the understanding and realization of itself. Investigate which philosophical conception Hegel gives to work (Arbeit), as well the meaning and operation of the influential status of work described in the Chapter IV of *Phenomenology of Mind*, will guide our research proposal. To achieve this goal it's required that we revise the concept of desire in order to understand why work is restrained desire (gehemmte Begierde), and then focus on understanding of work (Arbeit) as externalization of the self-consciousness and in a second moment we'll focus on the Creation (Building) of work (Arbeit) in the discovery of the effectiveness in the awareness of self-consciousness. After going through this path, we will be able to find out an answer to realize which the real influential status of work is.

Keywords: Desire. Work. Creation (building). Self-consciousness. Hegel.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	17
CAPÍTULO II.....	36
CAPÍTULO III.....	55
CAPÍTULO IV.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa examina o estatuto formador do trabalho no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Como sabemos, no mundo acadêmico as grandes obras de filósofos alemães causam muita polêmica em relação às suas traduções para os países de língua latina e os textos de Hegel não escapam desse fardo, ao contrário, estão entre os mais polêmicos e de difícil tradução para o português.

Dessarte, é mister algumas observações: como em português há somente a tradução completa da *Fenomenologia do Espírito* feita por Paulo Menezes – que também traduziu integralmente a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel* – disponível para a maioria dos estudantes de filosofia e aos neófitos leitores de filosofia, ela foi adotada como padrão para as citações de Hegel em português e no corpo do texto como padrão para os termos-chave hegelianos a serem comentados. Por exemplo: *suprassunção*, *essente*, *trabalho*, etc.

Temos ciência dos termos polêmicos utilizados por Paulo Menezes que causam discordâncias entre os estudiosos de Hegel, tais como: a opção de traduzir *Aufhebung* e *aufheben* respectivamente por *suprassunção* e *suprassumir*, *Seiende* por *essente*, entre outros. Devido às discordâncias de tradução e a ciência que temos da controvérsia desnecessária de alguns termos – a despeito das dificuldades de tradução de termos filosóficos alemães para as línguas latinas, em particular o português – lançamos mão do seguinte

subterfúgio: para cada citação da tradução de Meneses colocaremos uma nota de rodapé com o texto de Hegel em alemão, na qual utilizamos a publicação em alemão da *Phänomenologie des Geistes* do editor Felix Meiner, editado por Hans-Friedrich Wessels e Heinrich Clairmont com a introdução de Wolfgang Bonsiepen, Hamburg 2006; para os termos-chave hegelianos que aparecem no corpo do texto segue-se de imediato o termo alemão entre parênteses, por exemplo: “o *trabalho* (*Arbeit*) *significa para Hegel.*”. Além desses subterfúgios, quando houver necessidade acrescentaremos notas explicativas no rodapé sobre os termos alemães e suas possíveis traduções para o português.

Também constam em notas de rodapé citações de importantes pesquisadores e comentaristas da filosofia de Hegel que ajudam a esclarecer, compreender e/ou referenciar a análise por nós produzida. Em relação ao vocábulo da língua portuguesa, ainda resta uma pequena observação: a categoria filosófica **trabalho** (*Arbeit*) empregada por Hegel, poderia causar confusão com a palavra trabalho em seu sentido corriqueiro na língua portuguesa, para evitarmos essa confusão, utilizamos a palavra **afã** para designarmos trabalho no sentido corriqueiro da língua portuguesa. Temos ciência dos outros sentidos literários e corriqueiros da palavra afã tais como ânsia, vontade, pressa e cansaço. Contudo, pensamos que afã trará menos confusão que lida – palavra em português que designa diretamente trabalho – pelo emprego, apropriação e utilização da palavra lida no vocabulário heideggeriano.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação investiga como o estatuto formador do trabalho (*Arbeit*) opera no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito de Hegel* e qual a categoria filosófica a ele (trabalho) atribuído por Hegel. O processo investigativo analisa, num primeiro momento, de modo breve o conceito de desejo (*Begierde*), o conceito de reconhecimento (*Anerkennen*) para deter-se mais especificamente no entendimento do desejo refreado (*gehemmte Begierde*) e como o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) consiste no trabalho. No segundo momento, concentra-se na mediação e formação realizada pelo trabalho na dialética do senhor e do escravo na busca de seu estatuto formador.

A. Exposição da questão.

A presente pesquisa examina a concepção filosófica da categoria¹ do trabalho (*Arbeit*) e seu caráter formador na consciência de si (*Selbstbewusstsein*) hegeliana, ou melhor, qual o estatuto formador do trabalho no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito de Hegel*? A questão origina-se no capítulo retrocitado, pois nele Hegel coloca em dois momentos o trabalho como fundamental e constitutivo do Si da consciência de si, porém ele não se detém neste conceito expondo-o de maneira clara e explicativa, e sim, de maneira sintética e enigmática, deixando indicações deste estatuto na dialética do

¹ Quando falamos em categoria filosófica do trabalho ou concepção filosófica desta categoria, nos referimos a um conceito genérico ou fundamental usado para elaborar ou expressar um ou vários pensamentos. **De maneira nenhuma** deve o leitor entender a palavra categoria no sentido estrito da definição elaborada por um filósofo, como por exemplo: categoria para Aristóteles, categoria para Kant, etc.

Senhor e do Escravo, bem como nas figuras que resultam dela (o Ceticismo e o Estoicismo) e a superação destas: A Consciência Infeliz.

Na dialética do Senhor e do Escravo, Hegel evidencia que o caráter do trabalho (*Arbeit*) formativo² é ser desejo refreado (*gehemmte Begierde*) porque ele não é um puro negar do objeto como o desejo (*Begierde*) do Senhor, mas sim uma negatividade que permite ao objeto sua permanência, pois o trabalho não é compreendido como mera ação sobre a coisa (*Ding*) estranha, mas como objetivação necessária da consciência no objeto tornando-o coisa pensada. Este trabalho (*Arbeit*) típico da consciência escrava a deixa livre para intuir seu ser independente como Si.

Mas o sentimento da potência absoluta em geral, e em particular o do serviço, é apenas a dissolução em si; e embora o temor do senhor seja, sem dúvida, o início da sabedoria, a consciência aí é para ela mesma, mas não é ser-para-si; porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho. No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, parecia caber à consciência escrava o lado da relação inessencial para com a coisa, porquanto ali a coisa mantém sua independência. O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o subsistir. O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio-termo negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, qual agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma.³ (Hegel, G. W. F. Fenomenologia do Espírito. §195 p. 150. 2007)

² Hegel usa duas palavras de sua língua alemã, no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito, para formação: *Form* e *Bilden*. Como o próprio Hegel não faz distinção entre essas palavras alemãs no referido texto, usamos em português apenas “formação” para nos referirmos a ela.

³ “Das Gefühl der absoluten Macht aber überhaupt, und im einzelnen des Dienstes ist nur die Auflösung an sich, und ob zwar die Furcht des Herrn der Anfang der Weisheit ist, so ist das Bewusstsein darin für es selbst, nicht das Fürsichsein. Durch die Arbeit kömmt es aber zu sich selbst. In dem Momente, welches der Begierde im Bewusstsein des Herrn entspricht, schien dem dienenden Bewusstsein zwar die Seite der unwesentlichen Beziehung auf das Ding zugefallen zu sein, indem das Ding darin seiner Selbstständigkeit behält. Die Begierde hat sich das reine Negieren des Gegenstandes, und dadurch das unvermischte Selbstgefühl vorbehalten. Diese Befriedigung ist aber deswegen selbst nur ein Verschwinden, denn es fehlt ihr die gegenständliche Seite oder das Bestehen. Die Arbeit hingegen ist gehemmte Begierde,

Mas não é evidente por que essa intuição é possível através do trabalho, nem como o trabalho tornou-se negação do desejo (*Begierde*) ou negação da negação, já que o desejo (*Begierde*) é negação pura, visto que o senhor é apenas consciência desejanse e por isso pura negação do objeto.

Destarte, faz-se necessário, aqui, indagar por este primeiro problema do estatuto formador do trabalho, a saber: como o trabalho pode ser negação do desejo (*Begierde*) enquanto desejo refreado (*gehemmte Begierde*)? Esta indagação nos conduz a fazer uma releitura do conceito de desejo (*Begierde*) para examinar em seu desenvolvimento como ele constitui o movimento próprio da consciência de si, sendo ela, de acordo com Hegel (2007, p. 136) “desejo, em geral”⁴.

Nessa análise do desejo (*Begierde*) como movimento da consciência de si passaremos brevemente por suas fases de desenvolvimento, seu caráter de movimento negativo, sua atuação na definição da vida como processo, no conceito de reconhecimento para nos concentrarmos na passagem do desejo (*Begierde*) a desejo refreado (*gehemmte Begierde*) e como o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) torna-se trabalho (*Arbeit*). Após esta análise entendemos como o trabalho é negação do desejo e como este caráter permite a consciência escrava ser livre para intuir seu ser independente como de si mesma.

aufgehaltenes Verschwinden, oder sie bildet. Die negative Beziehung auf den Gegensatz wird zur Form desselben, und zu einem Bleibenden; weil eben dem Arbeitenden der Gegenstand Selbstständigkeit hat. Diese negative Mitte oder das Formierende Tun ist zugleich die Einzelheit oder das reine Fürsichsein des Bewusstseins, welches nun in der Arbeit ausser es in das Element des Bleibens tritt; das arbeitende Bewusstsein kommt also hierdurch zur Anschauung des selbstständigen Seins, als seiner selbst. (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 135. 2006).

⁴ “... diese muss ihm wesentlich werden; das heisst, es ist Begierde überhaupt.” (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 121. 2006) “A consciência de si é desejo, em geral” (Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*, p. 136. 2007).

Porém, a consciência escrava não é somente um intuir, mas é a objetividade da consciência de si, pois Hegel evidencia que o caráter formativo do trabalho realiza a verdade da certeza de si mesmo, já que a consciência escrava, ao trabalhar, não adquire somente esta positividade de intuir seu ser para si, mas coloca seu ser para si no objeto tornando-o coisa (*Ding*). Neste processo de exteriorização da consciência o escravo realiza objetivamente seu ser para si tornando-se efetivamente em si e para si como essência e com isso seu ser para si vem-a-ser sua verdade.

No entanto, o formar não tem só este significado positivo, segundo o qual a consciência escrava se torna para si um essente como puro ser-para-si. Tem também um significado negativo frente a seu primeiro momento, o medo. Com efeito: no formar da coisa, torna-se objeto para o escravo sua própria negatividade, seu ser-para-si, somente porque ele suprassume a forma essente oposta. Mas esse negativo objetivo é justamente a essência alheia ante a qual ele tinha tremido. Agora, porém, o escravo destrói esse negativo alheio, e se põe, como tal negativo, no elemento do permanecer: e assim se torna, para si mesmo, um para-si-essente.

No senhor, o ser-para-si é para o escravo um Outro, ou seja, é somente para ele. No medo, o ser-para-si está nele mesmo. No formar, o ser-para-si se torna para ele como o seu próprio, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si. A Forma não se torna um outro que a consciência pelo fato de se ter exteriorizado, pois justamente essa forma é seu puro ser-para-si, que nessa exteriorização vem-a-ser para ela verdade. Assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentido alheio, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio.⁵ (Ibid p. 150 – 151)⁶

⁵ “ Das Formieren hat aber nicht nur diese positive Bedeutung, dass das dienende Bewusstsein sich darin als reines Fürsichsein zum Seienden wird; sondern auch die negative, gegen sein erstes Moment, die Furcht. Denn in dem Bilden des Dinges wird ihm die eigne Negativität, sein Fürsichsein, nur dadurch zum Gegenstande, dass es die entgegengesetzte seiende Form aufhebt. Aber dies gegenständliche Negative ist gerade das fremde Wesen, vor welchem es gezittert hat. Nun aber zerstört es dies fremde Negative, setzt sich als ein solches in das Element des Bleibens; und wird hierdurch für sich selbst, ein für sich Seiendes. Im Herrn ist ihm das Fürsichsein ein anderes oder nur für es; in der Furcht ist das Fürsichsein an ihm selbst; in dem Bilden wird das Fürsichsein sein eignes für es, und es kömmt zum Bewusstsein, dass es selbst an und für sich ist. Die Form wird dadurch, dass sie hinausgesetzt wird, ihm nicht ein anderes als es; den eben sie ist sein reines Fürsichsein, das ihm darin zur Wahrheit wird. Es wird also Durch dies Wiederfinden seiner durch sich selbst eigner Sinn, gerade in der Arbeit worin es nur fremder Sinn zu sein schien.” (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135-136. 2006).

⁶ Ao compararmos a tradução de Meneses citada no corpo do texto com o original alemão referente à mesma, que se encontra na nota nº 5, percebemos uma pequena, mas fundamental discrepância: no texto em alemão consta das **dienende Bewusstsein** que significa *consciência servidora* e **não** *consciência trabalhadora* como está na presente tradução de Meneses.

Temos aqui outro problema que se faz mister tematizar e evidenciar para compreendermos o estatuto formador do trabalho. Como funciona este processo dialético de destruição-conservação (*Aufhebung*)⁷ do objeto que proporciona à consciência exteriorizar-se e realizar-se como consciência de si? Ou seja, como a consciência desejanse pelo processo negativo do trabalho se transformou em consciência de si?

Nessa análise examinaremos a dialética do Senhor e do Escravo evidenciando como o trabalho (*Arbeit*) enquanto categoria filosófica é a mediação das duas consciências desejanse que travam a luta pelo reconhecimento (senhor e escravo) visando satisfazer cada uma a si mesma. O trabalho (*Arbeit*) é visto como meio pelo qual as consciências satisfazem seus desejos. Porém, isto é apenas uma aparência da dialética do senhor e do escravo. Ela de fato começa pela desigualdade resultante do desejo (*Begierde*) de reconhecimento pelo gozo (satisfação) de uma delas, no entanto, por ser um processo desigual de reconhecimento, uma delas (o escravo) não é reconhecida e tem seu desejo refreado (*gehemmte Begierde*).

Com isso, o trabalho (*Arbeit*) não consiste num meio de satisfação das consciências, mas sim consiste no meio termo de toda essa dialética com a dupla função de exteriorizar a consciência trabalhadora vinculando-a ao objeto que se torna produto do seu trabalho e constituir o si da consciência na realidade produzida por ela.

⁷ Lembramos que o termo *Aufhebung* é traduzido por Meneses como suprassunção e que seguimos esta tradução como já explicamos. Mas neste momento usamos o termo destruição-conservação para enfatizar a dialética contida no termo *Aufhebung* tal como nós entendemos que se apresenta no texto tratado nesta pesquisa. Entendemos que *Aufhebung* ao mesmo tempo em que destrói as figuras e conceitos anteriores, faz com que eles permaneçam contidos ou conservados na nova figura ou conceito que surge da falência dos anteriores.

Deste modo, a partir da mediação do trabalho (*Arbeit*), a subjetividade da consciência se objetiva nas coisas exteriores que são produtos do trabalho e satisfação do desejo (*Begierde*) da outra consciência. Ora, quando a consciência é capaz de trabalhar o objeto do desejo (*Begierde*) de ambos satisfazendo a outra, a outra não vê mais o objeto puro, mas sim o objeto de uma consciência com a qual ela se relaciona e mantém dependência e nesta dependência ela torna a outra consciência efetiva já que seu gozo só é efetivo porque seu objeto já foi negado (trabalhado) pelo outro.

Nesta mediação o desejo (*Begierde*) – que é o extremo da consciência de si – desaparece dando lugar ao pensamento. A consciência pensante é o resultado da transformação do desejo (*Begierde*) pela mediação do trabalho. Isto é possível porque na mediação há reflexão, pois se abre mão do imediato abstraíndo-o e nesta abstração ele transforma-se em outro sendo o mesmo, isto é, ele foi pensado.

Logo, a consciência desejante torna-se consciência de si porque é capaz de refletir o objeto de seu desejo (*Begierde*) tornando-o pensamento e, assim, o objeto torna-se sujeito, e o sujeito objeto de si mesmo. O desenrolar desse processo será analisado por nós nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO I

O Desejo e seu Outro

Na análise da questão proposta por nós, se faz mister começarmos pelo movimento característico e constitutivo da consciência de si: o desejo (*Begierde*)⁸. O desejo (*Begierde*) consiste no movimento primordial da consciência porque a põe como primeira forma de negatividade em relação à realidade que a cerca e seus objetos postos como independentes. Essa forma de negatividade leva à consciência a reflexão que traz à tona a realidade que a cerca como realidade viva e, conseqüentemente, a descoberta de que é consciência de si justamente porque existe outra consciência de si.

Porém, toda essa trajetória de movimento negador do desejo (*Begierde*) e as transformações geradas por ele não permitiram que o desejo (*Begierde*) – enquanto movimento – permaneça o mesmo, ou seja, do mesmo modo que o desejo (*Begierde*) transformou os objetos que cercam a consciência de si, os objetos do desejo (*Begierde*) transformaram o desejo (*Begierde*) em um outro movimento. Ora, o que pretendemos neste capítulo consiste em analisar as conseqüências do movimento do desejo (*Begierde*) sobre ele mesmo.

⁸ A palavra alemã utilizada por Hegel para determinar o movimento inicial da Consciência no Capítulo IV da Fenomenologia do Espírito é *Begierde*. A palavra *Begierde* foi traduzida comumente para as línguas latinas (Francês, Espanhol e Português) como desejo, porém, a palavra desejo – no sentido geral e comum – em alemão é *Wunsch*; e a palavra *Begierde* em alemão é **apetite**. Manteremos aqui a tradução de *Begierde como desejo*, mas gostaríamos de alertar o leitor desse detalhe.

O desejo é apresentado por Hegel logo no início do Capítulo IV da Fenomenologia do Espírito como o caráter negador da consciência de si em relação à realidade que a cerca, que nada mais são que as experiências suprassumidas pela consciência nas figuras que a precederam até aqui. Essa negação consiste na supressão entre o si da consciência e a realidade que a cerca.

Para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é *como um ser*, ou como *momento diferente*; mas para ela é também a unidade de si mesma com essa diferença, como segundo momento *diferente*. Com aquele primeiro momento, a consciência-de-si é como consciência e para ela é mantida toda a extensão do mundo sensível; mas ao mesmo tempo, só como referida ao segundo momento, a unidade da consciência de si consigo mesma. Por isso, o mundo é para ela um subsistir, mas que é apenas um fenômeno, ou diferença que não tem em si mesma nenhum ser. Porém essa oposição, entre seu fenômeno e sua verdade, tem por sua essência somente a verdade, isto é, a unidade da consciência de si consigo mesma. Essa unidade deve vir a ser essencial a ela, o que significa: a consciência de si é desejo, em geral.⁹ (Hegel, G. W. F. Fenomenologia do Espírito. §167 p. 136. 2007).

A consciência desejante constitui a própria consciência de si e a transforma em um objeto duplo para si: a realidade que a cerca como oposição a ser negada e a própria consciência que se coloca como a verdade nessa oposição perante essa realidade que a cerca e da qual ela enquanto movimento deve suprassumir na busca da igualdade consigo mesma que é sua única verdade.

⁹ “Es ist hiemit für es das Anderssein, als ein Sein, oder als unterschiedenes Moment; aber es ist für es auch die Einheit seiner selbst mit diesem Unterschiede, als zweites unterschiedenes Moment. Mit jenem ersten Moment ist das Selbstbewusstsein als Bewusstsein, und für es die ganze Ausbreitung der sinnlichen Welt erhalten; aber zugleich nur als auf das zweite Moment, die Einheit des Selbstbewusstseins mit sich selbst, bezogen; und sie ist hiemit für es ein Bestehen, welches aber nur Erscheinung, oder Unterschied ist, der an sich kein Sein hat. Dieser Gegensatz seiner Erscheinung und seiner Wahrheit hat aber nur die Wahrheit, nämlich die Einheit des Selbstbewusstseins mit sich selbst, zu seinem Wesen; diese muss ihm wesentlich werden; das heisst, es ist Begierde überhaupt.” (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 121. 2006).

A consciência tem de agora em diante, como consciência de si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela com o *signal do negativo*; o segundo objeto é justamente ela mesma, que é essência verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como o movimento no qual essa oposição é supressumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela.¹⁰ (Ibidem. §167 p. 136-137. 2007).

A consciência desejante inicia seu afã¹¹: o desejo lança-se sobre a realidade circundante para marcá-la com a negação, ou seja, a consciência quer a todo custo suprimir esta realidade, esvaziá-la para poder encher-se dela, apropriar-se e tornar-se a sua verdade¹². Contudo, a consciência desejante é movimento e, como todo movimento, constitui uma ação direta em seu objeto. Essa ação negadora do desejo desdobra-se no objeto que se reflete pela ação imposta a ele e, assim, como o desejo é reflexão sobre a consciência, ele traz essa reflexão ao objeto que já não constitui o que a consciência anteriormente o tinha conhecido. Esse objeto se apresentará à consciência como objeto vivo.

¹⁰ “Das Bewusstsein hat als Selbstbewusstsein nunmehr einem gedoppelten Gegenstand, den einen, den unmittelbaren, den Gegenstand der sinnlichen Gewissheit und des Wahrnehmens, der aber für es mit dem Charakter des Negativen bezeichnet ist, und den zweiten, nämlich sich selbst, welcher das wahre Wesen, und zunächst nur erst im Gegensatze des ersten vorhanden ist. Das Selbstbewusstsein stellt sich hierin als die Bewegung dar, worin dieser Gegensatz aufgehoben, und ihm die Gleichheit seiner selbst mit sich wird.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 121-12. 2006).

¹¹ Como já foi apontado por nós na apresentação, utilizaremos o termo **afã** em troca da palavra trabalho ou lida compreendida em sua maneira comum e cotidiana.

¹² “Ora, o que é o Eu do desejo – O Eu do homem faminto, por exemplo – se não um vazio ávido de conteúdo, um vazio que quer preencher-se com o que é cheio, preencher-se esvaziando esse cheio, colocar-se – uma vez preenchido – no lugar desse cheio, ocupar por seu cheio o vazio formado pela supressão do cheio que não era o seu? Logo, de modo geral: se a filosofia verdadeira (absoluta) é – diferentemente da filosofia kantiana e da pré-kantiana, que são filosofias da consciência – uma filosofia da consciência-de-si uma filosofia consciente de si, prestando contas de si, justificando a si própria, sabendo que é absoluta e revelando-se como tal a si mesma, é preciso que o filósofo, é preciso que o homem seja, no fundo de seu Ser, não apenas contemplação passiva e positiva, mas também desejo ativo e negador.” (Kojève. A, Introdução à leitura de Hegel. p. 162. 2002).

Para nós, ou em si, o objeto que para a consciência-de-si é o negativo, retornou sobre si mesmo, do seu lado; como do outro lado, a consciência também [fez o mesmo]. Mediante essa reflexão-sobre-si, o objeto veio-a-ser vida. O que a consciência-de-si diferencia de si como *essente* não tem apenas, enquanto é posto como *essente*, o modo da certeza sensível e da percepção, mas é também Ser refletido sobre si; o objeto do desejo imediato é um *ser vivo*.¹³ (Ibidem §168 p. 137. 2007).

A vida tal como surge da reflexão causada pelo desejo pode ser entendida como retorno reflexivo do ser sobre si mesmo, isto é, a vida consiste num infinito movimento de conservação e superação das diferenças, mas também geração e colocação das diferenças. A vida neste momento é o puro movimento das diferenças na unidade que as suprassume ou “a essência simples do tempo que tem, nessa igualdade-consigo-mesma, a figura sólida do espaço”¹⁴ (Ibidem, §169, p. 137. 2007). Entender a vida como o processo que resultou da reflexão causada pelo movimento do desejo significa compreender duas características de um único movimento: a ação conservadora que une e pacífica constitui-se na ação que separa, dissolve e põe o diferente. A vida fundamenta o ciclo do desenvolvimento gerando o desenrolamento evolutivo das figuras¹⁵.

¹³ “Der Gegenstand, welcher für das Selbstbewusstsein das Negative ist, ist aber seinerseits für uns oder an sich ebenso in sich zurückgegangen als das Bewusstsein andererseits. Er ist durch diese Reflexion in sich Leben geworden. Was das Selbstbewusstsein als seiend von sich unterscheidet, hat auch insofern, als es seiend gesetzt ist, nicht bloss die Weise der sinnlichen Gewissheit und der Wahrnehmung an ihm, sondern es ist in sich reflektiertes Sein, und der Gegenstand der unmittelbaren Begierde ist ein Lebendiges.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 122. 2006).

¹⁴ “(...) das einfache Wesen der Zeit, das in dieser Sichselbstgleichheit die gediegene Gestalt des Raumes hat.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 122-123. 2006).

¹⁵ Esta caracterização da interpretação da vida – do modo como Hegel a apresenta no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* – de geração ou auto geração das figuras é evidente para Siep em seu livro sobre a *Fenomenologia* como vemos na seguinte passagem: “(...) Leben ist ein noch gegenständliche gedachtes »Unterscheiden des nicht zu Unterscheidenden «, ein Prozess des Gestaltens bzw. der (» autopoietischen «) Selbstgestaltungen und der Auflösung dieser Gestaltungen in den Prozessen der Selbsterhaltung und der Reproduktion der Gattung.“ (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 100. 2000). “A vida é um objetivo

Esse movimento unitário de suprassunção do diferente denominado vida nada mais é que o subsistir ou a substância das diferenças e, por isso, as diferenças nelas ocorrem como membros que portam o puro movimento da sua unidade em si mesmos e a diferença deles uns com os outros é o puro movimento. Os membros independentes da unidade da vida são para si ou movimento negativo, o que equivale a dizer: são outras consciências.

A consciência desejante na persistência do movimento de seu desejo continuará negando seu objeto para que possa continuar a busca pela sua verdade, mas quanto mais ela busca a satisfação do seu desejo mais ela experimenta de si no outro. Esta experiência desencadeada com a ação negativa do desejo traz cada vez mais à tona para a consciência a sua verdade. Porém, a consciência desejante ainda não se fez cônica de que esse objeto vivo no qual ela imprime seu desejo para eliminá-lo como o outro entre ela e sua verdade é apenas outro que ela mesma, isto é, o único objeto vivo que tem a capacidade de suportar o desejo alheio e tornar-se reflexão a partir da consciência de si consiste em outra consciência de si. A experiência do desejo foi encontrar outro desejo, o que equivale dizer que a consciência experimentou a independência de seu objeto.

A consciência-de-si não pode assim suprassumir o objeto através de sua relação negativa para com ele; pois essa relação antes reproduz o objeto, assim como o desejo. De fato, a essência do desejo é um Outro que a consciência-de-si; e através de tal experiência essa verdade veio-a-ser para a consciência. Porém, ao mesmo tempo, a consciência-de-si é também absolutamente para si, e é isso somente através do suprassumir do objeto; suprassumir que deve tornar-se para a consciência-de-si sua satisfação, pois ela é sua verdade. Em razão da independência do objeto, a consciência de si só pode alcançar satisfação quando esse objeto leva a cabo a negação de si mesmo, nela; e deve levar a cabo em si tal negação de si mesmo,

pensado da "diferença da não diferença", um processo das figuras, isto é, da ("autopoiesis") auto organização e da dissolução dessa organização no processo de auto conservação e reprodução da espécie." (Siep, L. O caminho da Fenomenologia do Espírito, p. 100. 2000).

pois é em si o negativo, e deve ser para o Outro o que ele é. Mas quando o objeto é em si mesmo negação, e nisso é ao mesmo tempo independente, ele é consciência.¹⁶ (Ibidem §175 p. 141. 2007).

Agora, a consciência de si tem no seu objeto outra consciência de si ou o que equivale a dizer: o desejo tem por objeto outro desejo. Isto ocorre porque o desejo que consome o objeto (a coisa) não se satisfaz plenamente com isso por que essa coisa consumida some, deixa simplesmente de existir em si e não retorna. Este findar-se do objeto sem retorno impede a completa realização da consciência de si que visa suprimir a realidade que a cerca para ser a verdade da relação com esta realidade. O desejo – este caráter negativo da consciência de si – busca na negação a relação da consciência de si para com o mundo. Ora, toda relação pressupõe duas ou mais partes iguais, o que significa que a busca do desejo ao consumir o mundo procura outro desejo diferente dele, mas que ao mesmo tempo seja igual a ele e, por isso, o desejo só se realiza em sua plenitude num outro desejo.¹⁷

¹⁶ “Das Selbstbewusstsein vermag also durch seine negative Beziehung ihn nicht aufzuheben; es erzeugt ihn darum vielmehr wieder, so wie die Begierde. Es ist in der Tat ein anderes, als das Selbstbewusstsein, das Wesen der Begierde und durch diese Erfahrung ist ihm selbst diese Wahrheit geworden. Zugleich aber ist es ebenso absolut für sich, und ist dies nur durch Aufheben des Gegenstandes, und es muss ihm seine Befriedigung werden, denn es ist die Wahrheit. Um der Selbstständigkeit des Gegenstandes willen kann es daher zu Befriedigung nur gelingen, indem dieser selbst die Negation an ihm vollzieht; und er muss diese Negation seiner selbst an sich vollziehen, denn er ist an sich das Negative, und muss für das andre sein, was er ist. Indem er die Negation an sich selbst ist, und darin zugleich selbstständig ist, ist er Bewusstsein.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 126. 2006).

¹⁷ “Para que haja consciência de si, para que haja filosofia, é preciso que haja transcendência de si com referência a si como dado. E isso só é possível, segundo Hegel, se o desejo se dirige não a um Ser dado, mas a um não-ser. Desejar o Ser é preencher-se desse Ser dado, é sujeitar-se a ele. Desejar o não-ser é libertar-se do Ser, é realizar a própria autonomia, a liberdade. Para ser antropogênico, o desejo deve dirigir-se a um não-ser, isto é, a um outro desejo, a um outro vazio ávido, a um outro Eu. Pois o desejo é ausência de ser (ter fome é estar privado de alimento): um nada que nadifica no Ser, e não um Ser que é. Em outros termos, a ação destinada a satisfazer um desejo animal, que se dirige a uma coisa dada, existente, nunca chega a realizar um Eu humano, consciente de si. O desejo só é humano – ou mais exatamente humanizante, antropogênico – se for orientado para um outro desejo e para um outro desejo.” (Kojève. A. Introdução à leitura de Hegel. p. 162. 2002).

A partir de agora temos uma consciência de si para uma consciência de si, ou podemos dizer que a consciência de si encontra sua realização efetiva mediante outra consciência de si. De acordo com Hegel (2007, p. 144), “por conseguinte, o agir tem duplo sentido, não só enquanto é agir quer sobre si mesmo, quer sobre o outro, mas também enquanto indivisamente é o agir tanto de um quanto do outro”¹⁸.

Dessarte, essa relação entre desejos desencadeia um novo momento reflexivo da consciência sobre ela mesma. Num primeiro momento, a consciência desejante reconhece outra consciência desejante e vice-versa porque ambas se encontraram na realidade que consumiam ou apropriavam-se. Identificaram-se como semelhantes, mas semelhantes que tem a verdade de si no outro e conseqüentemente se apresentam como a mediação para a realização do si do outro de modo recíproco e mútuo.

(...) Cada extremo é para o Outro o meio-termo, mediante o qual é consigo mesmo mediatizado e concluído; cada um é para si e para o Outro, essência imediata para si essente; que ao mesmo tempo só é para si através dessa mediação. *Eles se reconhecem como reconhecendo-se reciprocamente.*¹⁹ (Ibidem §184 p. 144. 2007).

O movimento reflexivo que agora observamos nos põe em evidência o conceito de reconhecimento (*Anerkennen*). O reconhecimento (*Anerkennen*), para Hegel, é o momento que traz à tona o conceito do espírito porque ambas

¹⁸ “Das Tun ist also nicht nur insofern doppelsinnig, als es ein Tun ebensowohl gegen sich als gegen das andre, sondern auch insofern, als es ungetrennt ebensowohl das Tun des Einen als des Andern ist.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 129. 2006).

¹⁹ “(...) Jedes ist dem andern die Mitte, durch welche jedes sich mit sich selbst vermittelt und zusammenschliesst, und jedes sich und dem andern unmittelbares für sich seiendes Wesen, welches zugleich nur durch diese Vermittlung so für sich ist. Sie anerkennen sich, als gegenseitig sich anerkennend.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 129. 2006).

as consciências de si consentem em se tratar como consciências de si iguais. Ao admitirem a igualdade uma da outra abre-se a possibilidade da liberdade pois só a liberdade torna possível a igualdade das consciências de si. Esse processo resulta em um silogismo no qual as consciências de si se apresentam como extremos livres sendo o termo médio entre eles o reconhecimento.

Contudo, o reconhecimento (*Anerkennen*) não traz consigo somente essa estrutura silogística de explicação da formação da consciência de si em um de seus movimentos dialéticos ou momento de reflexão sobre si mesma, mas, antes, carrega consigo todo um desenvolvimento histórico e função social de grande importância para Hegel. O conceito de reconhecimento (*Anerkennen*) tem uma derradeira finalidade (*télos*) na filosofia de Hegel, porque envolve a compreensão do direito moderno, da moralidade, da religião e da política, o que equivale dizer: as figuras constituintes do espírito objetivo. Mesmo a Fenomenologia do Espírito sendo parte constitutiva do espírito subjetivo, ela traz em sua estrutura – em grande parte pelo conceito de reconhecimento – elementos do espírito objetivo.²⁰ Obviamente, os elementos de que falamos agora, não estão presentes em sua plenitude no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* e, por vezes, estão apenas subentendidos na exposição do texto ou da argumentação hegeliana.

²⁰ A tese de que o conceito de reconhecimento traz consigo elementos do espírito objetivo ou prático na Fenomenologia do Espírito – inclusive no capítulo IV, no qual o reconhecimento não se realiza plenamente – é evidenciada por Siep como podemos observar na seguinte passagem: "(...) Die »Bewegung des Anerkennens« ist dabei nicht auf den Kampf um Anerkennung beschränkt. Sie ist vielmehr das »Telos«, das Ziel, das durch alle Entwicklungsstufen des praktischen Geistes erreicht werden soll und erst im letzten Kapitel der *Phänomenologie* jedenfalls in den Grundzügen erreicht wird. Historisch bedeutet das, dass Hegel in einem bestimmten Verständnis des modernen Rechts, der Moralität und der Religion den Begriff der Anerkennung verwirklicht sieht." (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 98-99. 2000). "(...) *O movimento do reconhecimento não é apenas limitado pela luta por reconhecimento. Ele consiste, antes de mais nada, no télos, na derradeira finalidade, que deve ser atingida pelas etapas do desenvolvimento do espírito objetivo e apenas no último capítulo da Fenomenologia, pelo menos, em seu fundamento será alcançado.*" (Siep, L. *O caminho da Fenomenologia do Espírito*, p. 98-99. 2000).

Ora, se o conceito de reconhecimento traz consigo esta certa carga histórica e função social, ele não se reduz somente a uma estrutura lógica silogística assim como não é somente uma simples duplicação de consciências, no sentido de uma pluralidade simples deslocada do real. No entanto, o reconhecimento requer uma pluralidade constituinte das consciências de si, uma relação entre eu e você ou entre nós e eu. “(...) Eu, que é Nós, Nós que é Eu.” (Ibidem §177 p. 142. 2007).²¹

Esta relação constituinte das consciências de si consiste na formação da intersubjetividade da consciência de si²². A constituição desta intersubjetividade da consciência de si recoloca consistentemente a função social implícita no reconhecimento porque põe recíproca e mutuamente a relação das consciências de si como coletiva e correspondente ao espírito. A correspondência ao espírito coloca a história, e a coletividade – a pluralidade de eus que se relacionam mútua e reciprocamente – coloca as relações sociais desenvolvidas pela humanidade (*Menschheit*) nas suas mais variadas formas.

Deste modo, a intersubjetividade trará à tona um momento outro que o reconhecimento. O movimento mútuo e recíproco entre as consciências de si juntamente com a carga histórica e a coletividade postas transformarão o reconhecimento no seu contrário, levando a consciência a experimentar as figuras das relações sociais desenvolvidas pela história humana

²¹ “(...) Ich, das Wir, und Wir, das Ich ist.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 127. 2006).

²² Siep faz menção ao primeiro Fichte, da obra “*Grundlage des Naturrechts nach Prinzipien der Wissenschaftslehre von 1796/97*”, e apresenta semelhanças entre Fichte e Hegel na questão da intersubjetividade da consciência de si. C.f. (Siep, L. *Der Weg der Phänomenologie des Geistes*, p. 99. 2000).

(*Menschheitgeschichte*) durante a sua jornada em busca da verdade de seu si ou a certeza de si mesma.

Essa busca da verdade de si no outro nos conduz ao segundo momento que se caracteriza pela desigualdade entre eles. A desigualdade entre os desejos vem da sua própria característica negadora, pois os dois buscam ser reconhecidos como iguais no outro, numa relação que procura afirmar-se como verdade no outro pela supressão do outro. Ora, uma relação de afirmação que requer a supressão ou negação do outro, não pode se estabelecer como igual ao outro, pois a sua igualdade está na supressão desse outro e, assim, este desejo de reconhecimento dos desejos transformar-se-á em seu contrário tornando-se disputa pelo reconhecimento, ou uma desigualdade impressora de igualdade.

Consideremos agora este puro conceito do reconhecimento, a duplicação da consciência-de-si em sua unidade, tal como seu processo se manifesta para a consciência-de-si. Esse processo vai apresentar primeiro o lado da *desigualdade* de ambas [as consciências-de-si] ou o extravasar do meio-termo nos extremos, os quais, como extremos, são opostos um ao outro; um extremo é só o que é reconhecido; o outro, só o que reconhece.²³ (Ibidem §185 p. 144. 2007).

Nessa busca dialética pelo reconhecimento os desejos se transformaram em impositores de reconhecimento, o que desfalece o reconhecimento enquanto tal e nos põe o seguinte impasse: como um desejo

²³ “Dieser reine Begriff des Anerkennens, der Verdopplung des Selbstbwsstseins in seiner Einheit, ist nun zu betrachten, wie sein Prozess für das Selbstbewusstsein erscheint. Er wird zuerst die Seite der Ungleichheit beider darstellen, oder das Heraustreten der Mitte in die Extreme, welche als Extreme sich entgegengesetzt, und das eine nur Anerkanntes, [das] andre nur Anerkennendes ist. (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 129. 2006).

se realiza no outro se essencialmente seu puro movimento é o negar do outro? A alternativa mais plausível para esse impasse consiste no enfrentamento dos desejos entre si, ou seja, eles devem levar a cabo a pura negatividade que são e um suprimirá o outro.

Esta apresentação é o *agir duplicado*: o agir do Outro e o agir por meio de si mesmo. Enquanto agir do Outro, cada um tende, pois, à morte do Outro. Mas aí está também presente o *segundo* agir, o *agir por meio de si mesmo*, pois aquele agir do outro inclui o arriscar a própria vida. Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se *provam* a si mesmas e uma a outra através de uma luta de vida e morte.²⁴ (Ibidem §187 p. 145. 2007).

Esta luta que os desejos travam para realizarem seu movimento pela supressão do outro implicará na negação da essência do outro, isto é, eles lutaram visando a negação absoluta e completa do outro ou a morte do outro. O desejo somente será desejo se outro desejo não for mais desejo e a forma imediata do desaparecimento do outro desejo apresenta-se na forma imediata da morte. Ambos os desejos se apegaram na imediatez da forma da morte e se dispõem a matar o outro ou morrer e partem para a realização desta imediatez. Mas essa luta que põe em jogo a vida natural dos desejos pela forma imediata da morte e não realiza aquilo que o desejo quer, pois como vimos anteriormente, o desejo só se realiza em relação com outro desejo, isto é, uma consciência de si se relacionando com outra consciência de si. A morte,

²⁴ “(...) Diese Darstellung ist, das gedoppelte Tun; Tun des andern, und Tun durch sich selbst. Insofern es Tun des andern ist, geht also jeder auf den Tod des andern. Darin aber ist auch das zweite, das Tun durch sich selbst, vorhanden; denn jenes schliesst das Daransetzen des eignen Lebens in sich. Das Verhältnis beider Selbstbewusstsein ist also so bestimmt, dass sie sich selbst und einander durch den Kampf auf Leben und Tod bewähren. (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 130. 2006).

portanto, não realiza uma relação e sim a impede porque a morte do outro desejo traz à tona a total impossibilidade da relação, pois aquilo que é morto não se relaciona com nada. A morte não é o que o desejo da consciência de si deseja.

Entretanto, essa comprovação por meio da morte suprassume justamente a verdade que dela deveria resultar, e com isso também [suprassume] a certeza de si mesmo em geral. Com efeito, como a vida é a posição natural da consciência, a independência sem a absoluta negatividade, assim a morte é a negação natural desta mesma consciência, a negação sem a independência, que assim fica privada da significação pretendida no reconhecimento.²⁵ (Ibidem §188 p. 146. 2007).

Ao travar a luta de vida ou morte os desejos apenas realizam a imediatez da morte que nunca os levará à relação almejada por ambos, e um dos desejos intuirá essa impossibilidade de relação pela imediatez da morte e deixará de levar essa luta a cabo para se colocar fora da disputa e ceder de imediato ao outro desejo. Com essa decisão tomada por uma das consciências desejantes, o desejo entrará numa outra dialética que consistirá em dois tipos de desejo: uma das consciências desejantes se mostrará apegada à negação imediata da realidade que a cerca e a outra consciência desejante se apresentará na forma reprimida, isto é, ao ceder à outra consciência desejante que se apegou à negação imediata da realidade, ela – consciência desejante cedente – ficou impedida de realizar a satisfação do desejo e, por isso, o

²⁵ “Diese Bewährung aber durch den Tod hebt eben so die Wahrheit, welche daraus hervorgehen sollte, als damit auch die Gewissheit seiner selbst überhaupt auf; denn wie des Leben die natürliche Position des Bewusstseins, die Selbstständigkeit ohne die absolute Negativität, ist, so ist er die natürliche Negation desselben, die Negation ohne die Selbstständigkeit, welche also ohne die geforderte Bedeutung des Anerkennens Bleibt.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 131. 2006).

reprimiu e não o realizou por completo. Essas consciências desejantes são respectivamente o senhor – consciência que realiza o desejo – e o escravo – consciência que foi obrigada a refrear seu desejo.

Nessa nova dialética das consciências de si, o desejo fará a experiência da descoberta de transformação do seu outro porque uma das consciências abriu mão da realização de seu desejo e já se pôs na forma de desejo refreado (*gehemmtte Begierde*), ou seja, um desejo que já não é igual ao outro. Dessa maneira teremos dois movimentos distintos: uma consciência de si se afirmando a partir da negação imediata da realidade que a cerca e realizando sua satisfação no gozo desse movimento, e a outra reconhecendo essa consciência de si como legítima, mas impossibilitada de reconhecimento pela outra que a impediu de realizar seu desejo e, por isso, não a reconhece como desejo e sim como uma das coisas que foram negadas.

Quando as consciências de si se colocaram como extremos diferentes assumindo as figuras de senhor e escravo, entramos num dos campos históricos sociais importantes para Hegel. Pela primeira vez, a consciência de si experimentará a si mesma e ao outro numa ação concreta de uma forma de relação social. Essa forma de relação social – senhor e escravo – permitirá a consciência de si realizar de maneira concreta tudo o que foi intuído no reconhecimento (*Anerkennen*) e nesse processo modificará a natureza do movimento do desejo (*Begierde*) transformando-o em um novo movimento vinculante com a realidade, que trataremos a partir desse momento.

A consciência de si desejante que se pôs na figura do senhor e aparentemente se realiza no gozo e satisfação de seu desejo, constitui a

consciência desejante que mais se afasta do desejo de reconhecimento (*Anerkennen*) que a consciência desejante almejava: ser reconhecida por outra consciência de si. Isto ocorre porque a consciência desejante do senhor se satisfaz com a mera negação imediata da realidade que é o consumo do objeto, mas esse consumo simples que gera a satisfação imediata do desejo pelo gozo e afirma imediatamente a consciência faz justamente o contrário, isto é, não realiza o desejo de reconhecimento (*Anerkennen*) pressuposto pelas consciências porque não reconhece a outra como consciência e apega-se no gozo do simples consumo.

Esse apego ao gozo do simples consumo consiste na radicalidade mais contraditória em relação à essência da consciência de si porque no consumo simples a consciência realiza o desejo natural, ou seja, um desejo apegado ao mundo natural e, por isso, dependente dele.²⁶ Deste modo, o desejo que se satisfaz apenas com o consumo – simples negação da natureza – torna-se uma espécie de prisioneiro da vida natural, isto é, gera uma vinculação com o mundo que o cerca de maneira imediata (biológica), que se torna um ciclo vicioso de dependência com o mundo natural; e a cada satisfação e gozo permanece mais enraizado na natureza, na vida natural que desejava abolir.

²⁶ “O desejo animal – a fome, por exemplo, e a ação dela decorrente – nega, destrói o dado natural. Ao negá-lo, ao modificá-lo, ao fazê-lo seu, o animal eleva-se acima desse dado. Segundo Hegel, o animal, quando come a planta, realiza e revela sua superioridade sobre ela. Mas porque se alimenta de plantas, o animal depende delas e, por isso, não chega a superá-las de fato. De modo geral, o vazio ávido – ou o Eu – que se reserva pelo desejo biológico só se preenche – pela ação biológica dele decorrente – com um conteúdo natural, biológico. O Eu, ou o pseudo-Eu, realizado pela satisfação ativa desse desejo, é, pois tão natural, biológico, material, quanto àquilo que atrai o desejo e a ação. O animal só se eleva acima da natureza negada em seu desejo animal para nela recair imediatamente quando satisfaz esse desejo. Assim, o animal só chega ao sentimento de si (*Selbstgefühl*), mas não à consciência-de-si (*Selbstbewusstsein*); isto é, ele não pode falar de si, dizer: “Eu...”. E isso porque ele não transcende realmente a si mesmo como dado, isto é, como corpo; ele não se eleva acima de si para poder voltar para si: ele não tem distanciamento em relação a si, para poder contemplar-se.” (Kojève. A. Introdução à leitura de Hegel. p. 163. 2002).

A consciência desejante que figura como senhor torna-se o contrário daquilo que se pretende já que o movimento do desejo realizado por ela apresenta-se como um movimento de negação que afirma de imediato o contrário do que deveria ser: o caráter negador da consciência de si em relação à realidade que a cerca e a supressão entre o si da consciência e a realidade que a cerca. O desejo do senhor não se apresentou como o caráter negador da consciência em relação à realidade que a cerca, mas sim afirmou essa realidade de maneira imediata e ignorou o reconhecimento da outra consciência. O desejo, tal como se desenvolveu até a figura do senhor, apenas gerou para a consciência de si uma afirmação ou vínculo imediato para com o mundo que a cerca, contudo não suprimiu esta realidade para que a consciência realize seu si, ou seja, o desejo da maneira pela qual foi apresentado até aqui não constitui aquilo que a consciência de si é essencialmente.

Todavia, resta-nos analisar o desejo que se transformou em desejo refreado (*gehemmte Begierde*) durante esta dialética realizada pelas consciências. A consciência desejante que se apresenta sob a figura do escravo foi obrigada a renunciar o gozo e a plena satisfação do desejo já que não estava disposta a negar a vida na forma imediata da morte e, por isso, tornou-se um desejo refreado (*gehemmte Begierde*). Ora, o início da consciência de si caracteriza o desejo como um movimento negador que busca incessantemente a supressão do outro ou a realidade que cerca a consciência de si. A partir dessa caracterização do desejo, ele categorialmente não pode ser refreado porque um movimento negador consiste em aniquilar o que tenta refreá-lo, impedi-lo ou se opor a ele de alguma forma ou não seria movimento

negador. Deste modo, este desejo que veio-a-ser refreado apenas assim tornou-se porque já se reconstituiu num outro movimento resultante da dialética anterior e, apesar de aparecer como um desejo requalificado, já não consiste mais como desejo.

Este outro movimento do desejo – o *desejo refreado (gehemmte Begierde)* – transformou-se em um movimento negador que se diferencia e realiza uma negação contrária à negação do desejo (*Begierde*). Esse novo movimento negador – desejo refreado (*gehemmte Begierde*) – estabelece uma nova relação com o objeto negado que o transforma e permite sua permanência, isto é, ao negar o objeto, ele produz num novo objeto porque criou este objeto antes de consumi-lo, o que equivale a dizer: o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) transformou-se em trabalho (*Arbeit*). O trabalho (*Arbeit*) constitui essa relação negativa que cria uma relação permanente com a realidade em torno da consciência de si desejante; que estabelece uma relação vinculante com a realidade que, por isso, se torna a realidade da consciência de si e não apenas consumo imediato ou destruição da natureza como foi realizada pelo desejo, em sua representação máxima que consiste na figura do senhor, que não permite a relação permanente, mas apenas dependente e evanescente.

(...) No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, parecia caber a consciência escrava o lado da relação inessencial para com a coisa, porquanto ali a coisa mantém sua independência. O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o *subsistir*. O trabalho, ao contrário, é desejo *refreado*, um desvanecer *contido*, ou seja, o trabalho *forma*. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente,

porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio termo negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a *singularidade*, ou o puro ser para si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente como intuição de si mesma.²⁷ (Ibidem, §195 p. 150).

O conceito de desejo refreado (*gehemmte Begierde*) contido na figura do escravo consiste dessarte no conceito de trabalho (*Arbeit*), pois o movimento de negação que nega o desejo por ser outro movimento negativo que não destrói simplesmente o objeto desejado, mas o transforma em algo novo permitindo sua durabilidade e assim criando um mundo para a consciência de si, apenas acontece quando se trabalha o objeto e não meramente o consome.

O trabalho (*Arbeit*) se constitui na transmutação do desejo (*Begierde*), o que significa dizer: o trabalho (*Arbeit*) consiste no resultado da reflexão da negatividade do desejo sobre si mesmo enquanto movimento negador que ao negar seu objeto o transforma lhe imprimindo negatividade, e ele – desejo (*Begierde*) –, sofre o retorno do movimento que imprimiu ao objeto. Ora, se o desejo (*Begierde*) sofre as conseqüências da sua negatividade, ele deve transformar-se assim como os objetos que recebem sua ação negativa se transformam. Porém, como ele é movimento ativo, sua transformação não é

²⁷ “(...) In dem Momente, welches der Begierde im Bewusstsein des Herrn entspricht, schien dem dienenden Bewusstsein zwar die Seite der unwesentlichen Beziehung auf das Ding zugefallen zu sein, indem das Ding darin seine Selbstständigkeit behält. Die Begierde hat sich das reine Negieren des Gegenstandes, und dadurch das unvermischte Selbstgefühl vorbehalten. Diese Befriedigung ist aber deswegen selbst nur ein Verschwinden, denn es fehlt ihr die gegenständliche Seite oder das Bestehen. Die Arbeit hingegen ist gehemmte Begierde, aufgehaltenes Verschwinden, oder sie bildet. Die negative Beziehung auf den Gegensand wird zur Form desselben, und zu einem Bleibenden; weil eben dem Arbeitenden der Gegenstand Selbstständigkeit hat. Diese negative Mitte oder das formierende Tun ist zugleich die Einzelheit oder das reine Fürsichsein des Bewusstseins, welches nun in die Arbeit ausser es in das Element des Bleibens tritt; das arbeitende Bewusstsein kommt also hiedurch zur Anschauung des selbstständigen Seins, als seiner selbst.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

apenas figurativa e sim uma passagem condicionante de sua ação transformadora, ou seja, trabalho (*Arbeit*) fornece aos objetos e, obviamente, à consciência de si uma nova relação de existência no mundo.

Deste modo, o processo dialético inerente ao próprio movimento do desejo ocasiona a duplicação dos desejos que consiste na duplicação da consciência de si; que, por sua vez, desemboca na luta das consciências de si desejantes, a qual gera a cisão do conceito de desejo dividindo-o em desejo (*Begierde*) e desejo refreado (*gehemmte Begierde*). O desejo refreado (*gehemmte Begierde*) constitui o outro do desejo (*Begierde*) porque não consiste mais num movimento de pura negação que afirma a consciência imediatamente no mundo, contudo, se constitui destarte na negação oposta já que a sua negação consiste na transformação e produção do que lhe é dado como o oposto. Ora, tudo aquilo que constitui transformação, formação, produção, etc., é trabalho (*Arbeit*) humano. O outro do desejo é o trabalho (*Arbeit*).²⁸

Assim, a consciência de si desejante só se realiza como consciência de si em sua essência quando suprassume a forma do simples desejo – vínculo aparente com o mundo – para a forma produtora do trabalho (*Arbeit*) – vínculo efetivo com o mundo da consciência de si – que intui e efetiva o si da consciência de si na realidade que a cerca.

²⁸ A transformação do desejo em outro movimento, ou seja, em trabalho e o trabalho como formação em Hegel é assinalada por Berman no seu artigo “Formação e Romance de Formação” do qual reproduzimos apenas a seguinte passagem: “(...) « Dans la mesure où il forme (*bildet*) la chose, dit le philosophe, il se forme lui même. » Le travail est donc, en tant que « désir empêché », *Bildung*”. (Berman, A. *Bildung et Bildungsromam*. p. 144. 1984) “(...) ‘A medida que a consciência trabalha as coisas ao seu redor, ela forma a si mesma.’ Por isso o trabalho é “considerado desejo refreado”, *Bildung*.” (Berman, A. *Formação e Romance de Formação*. p. 144. 1984).

A partir de agora, devemos concentrar nossa análise no conceito de trabalho (Arbeit) e seus desdobramentos dialéticos que mediarão e conduzirão a consciência de si na busca da efetivação do seu si e que será o objeto de nossa análise no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O Caráter Mediador do Trabalho na Dialética do Senhor e do Escravo

Relembremos, agora, o silogismo da dominação: ele começa como a desigualdade que as consciências desejantes experimentam na busca pelo reconhecimento (*Anerkennen*). Isto acontece porque o reconhecimento resolve de maneira abstrata e logicamente simples o impasse das consciências desejantes que buscam no reconhecimento (*Anerkennen*) a efetivação e afirmação de serem em-si e para-si no outro (outra consciência). Por isso, as consciências travam uma luta de vida e morte na qual resultou a experiência da desigualdade: uma não temeu a morte, arriscou a vida no seu extremo físico e, por isso, se projetou além dela negando-a; a outra, diante da morte extrema, recua e se coloca submissa àquela primeira que não temeu a morte. A consciência que se projetou além da vida por não temer a morte é o senhor e aquela que recua diante da morte é o escravo. As consciências, ao assumirem os respectivos papéis de Senhor e Escravo, se posicionam como extremos dando origem ao silogismo²⁹ da dominação que consiste no seguinte:

a) o Senhor colocará o escravo entre si e a natureza, sendo reconhecido como ser-para-si por esta consciência (escravo) e relacionando-se com a natureza pelo trabalho (*Arbeit*) do escravo que lhe proporciona o consumo e o gozo.

²⁹ Quando falamos em silogismo em Hegel, não podemos nos remeter diretamente ao pensamento aristotélico. Hegel faz uma reinterpretação do conceito aristotélico de silogismo; aqui o silogismo é um silogismo vivo, isto é, cada extremo do silogismo se desenvolverá em seu âmago e suas exteriorizações produzirão o meio termo que com seu movimento próprio supera – ao mesmo tempo em que conserva – os extremos conflitantes formando uma nova figura da consciência.

b) o Escravo que está preso à natureza, pois se apegou à vida ao temer a morte, reconhece o senhor, mas não é reconhecido, já que está no corpo da coisidade (natureza/vida) relacionando-se diretamente com a natureza bruta, sendo obrigado a trabalhá-la para o Senhor; a transformação da natureza ou produto do trabalho (*Arbeit*) realizado pelo escravo pertence ao senhor que consome e permite ao escravo consumir o suficiente para permanecer vivo.

Estas duas posições adotadas pelas consciências as levaram a um processo de dependência e independência mútuas que caminhará da radicalidade dos extremos aqui postos para a mediação e superação dos mesmos. Este processo foi denominado pelos estudiosos e comentadores de Hegel de Dialética do Senhor e do Escravo, e, é neste processo que o trabalho (*Arbeit*) aparecerá tematizado.

Vimos a pouco a postura das duas consciências. O senhor é reconhecido e tem seu gozo garantido, realizando assim seu desejo (*Begierde*), e o escravo (coisidade, natureza) reconhece o senhor e realiza o ser para si dele através da submissão e do trabalho (*Arbeit*) que transforma a natureza, deixando-a apta para que o senhor goze e realize seu desejo. Porém, a luta que originou esta postura extrema por parte das consciências foi uma luta pelo reconhecimento (*Anerkennen*), segundo o roteiro apresentado acima, mais ainda: por duas consciências em-si e para-si que desejavam realizar (efetivar) seu para-si, uma vez que o reconhecimento (*Anerkennen*) só o permitia de

maneira abstrata porque as obriga passar imediatamente de sua natureza orgânica (biológica) para a natureza inorgânica (vida espiritual).³⁰

Deste modo, quando o senhor colocou entre si e a natureza a outra consciência (o escravo) e a relegou à coisidade (natureza) – pois a subordinou na figura de escravo – ele montou a falência de *sua* própria figura, pois ele necessita ser reconhecido por uma consciência em-si e para-si, isto é, por uma consciência independente e igual a ele e não por uma consciência natural, o que causa a primeira dissimetria.

Em segundo lugar, continuando o escravo entre o senhor e a natureza, o senhor produz a desigualdade entre trabalho (*Arbeit*) e gozo (*Genuss*) causando uma segunda dissimetria ou dissimetria redobrada que acaba com qualquer possibilidade de reconhecimento (*Anerkennen*), pois a consciência colocada no outro extremo como escravo está totalmente destituída de seu caráter de consciência em-si e para-si já que para o senhor ela é totalmente submissa e subserviente ao senhor como a natureza que proporciona o seu gozo.

Todavia, esta constatação ainda não nos traz por completo a verdadeira falência da figura do senhor. Ela começa no primeiro movimento

³⁰ A explicação que apresenta o momento inicial do reconhecimento (*Anerkennen*) como puramente lógico abstrato é referencia comum na literatura sobre o capítulo IV da Fenomenologia do Espírito. A título de ilustração citamos a seguinte passagem: "(...) Mas o que é um extremo é também o outro: o outro está marcado com o caráter do negativo, quer dizer, é também uma consciência-de-si independente, dotada da mesma potência. Essa figuras independentes porém ainda estão mergulhadas no ser da vida e não realizam uma para outra "o movimento da abstração absoluta que consiste em aniquilar to ser imediato". "Mergulhadas no ser da vida" significa que são imediatamente seres vivos, colocados na indiferença da natureza, sem que tenham realizado "o movimento da abstração absoluta", isto é, a negação da vida ou a passagem à vida espiritual, à natureza inorgânica. As consciências vivem de sua essência animal e não se elevaram ao mundo do espírito, que surge, precisamente, do reconhecimento por outra consciência." (Santos, J. H. Trabalho e Riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel, p. 87. 1993).

que esta consciência realiza para ficar na figura do senhor, isto é, quando esta consciência (senhor) decide perder a vida (organismo natural) para se afirmar além da vida (organismo natural) ela já faliu³¹, porque ela nesta luta mata ou morre, e com a morte de uma das duas consciências ou de ambas nunca se realizará o reconhecimento (*Anerkennen*).

Entretanto, essa comprovação por meio da morte suprassume justamente a verdade que dela deveria resultar, e com isso também [suprassume] a certeza de si mesmo em geral. Com efeito, como a vida é a posição natural da consciência, a independência sem a absoluta negatividade, assim a morte é a negação natural desta mesma consciência, a negação sem a independência, que assim fica privada da significação pretendida no reconhecimento.³² (Hegel, F.E. §188 p. 146. 2007).

Acrescentamos ainda, que assim como a vida é a subsistência sem a negatividade, a morte é a negação natural da vida, um absoluto deixar de ser que nada produz ou muda para quem morre ou permanece vivo. O que a consciência (senhor) que decidiu perder a vida não foi capaz de intuir é que o essencial na luta de vida e morte é realizar a morte em vida tal como propõe Sócrates no Fédon³³ ou a experiência que a consciência tem da morte. Por

³¹ Destacamos aqui o apontamento de Kojève sobre este aspecto da figura do senhor: “O homem da Begierde não pode ser reconhecido por outro homem livre: porque nesse caso, o adversário morre ou o mata. Não há possibilidade de reconhecimento”. (Kojève, A. Introdução à Leitura de Hegel, p. 53. 2002).

³² “Diese Bewährung aber durch den Tod hebt eben so die Wahrheit, welche daraus hervorgehen sollte, als damit auch die Gewissheit seiner selbst überhaupt auf; denn wie des Leben die natürliche Position des Bewusstseins, die Selbstständigkeit ohne die absolute Negativität, ist, so ist er die natürliche Negation desselben, die Negation ohne die Selbstständigkeit, welche also ohne die geforderte Bedeutung des Anerkennens bleibt.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 131. 2006).

³³ “Pensas que seja próprio de um filósofo preocupar-se com o que chamamos prazeres, no gênero, por exemplo, de comer e beber? Nem um pouco, Sócrates!, diz Símas. – E os do amor? – De modo algum! – E aquilo que, por outro lado, consiste em cuidados relacionados ao corpo? – Minha opinião é que não têm nenhuma importância. – De maneira geral, tua opinião é que as preocupações de um homem assim não têm o corpo por objeto, mas que, ao contrário, dele se afastam na medida do possível e se voltam para a alma? – É minha opinião. (...) E esta

isso, pressupor ou objetivar a morte não é a negação da consciência, mas a impossibilidade da negação pois

(...) Desvanece porém com isso igualmente o momento essencial nesse jogo de trocas: o momento de se decompor em extremos de determinidades opostas; e o meio termo desmorona em uma unidade morta, que se decompõe em extremos mortos, não opostos, e apenas essentes. Os dois extremos não se dão nem se recebem de volta, um ao outro reciprocamente através da consciência, mas deixam um ao outro indiferentemente livres, como coisas. Sua operação é a negação abstrata, não a negação da consciência, que suprassume de tal modo que guarda e mantém o suprassumido e com isso sobrevive a seu vir a ser suprassumido.³⁴ (Ibidem).

Logo, a figura do senhor é fadada à falência desde sua primeira atitude que a colocou como senhor, pois o senhor nega apenas a aparência imediata da consciência que é o corpo, ou seja, o senhor eliminou um corpo e não a relação que o mantém ligado à vida orgânica. Esta relação não é o corpo – aspecto material da existência das consciências – mas aquilo pelo qual a consciência se apresenta desde o seu início como consciência, que ela é desejo (*Begierde*) em geral. Tudo o que o senhor fez e faz apenas afirma cada

libertação, esta separação da alma e do corpo, não é o que se denomina morte? – Claro. – E os verdadeiros filósofos não são os únicos que trabalham para esse fim? Esta separação e esta libertação não são toda sua obra? – Assim creio, Sócrates. – Por conseguinte, é certo, Símas, que os verdadeiros filósofos trabalham com o objetivo de se preparar para a morte e esta não se lhes afigura horrível.” (Compilado do Fédon de Platão, p. 125 – 129, 1999). Podemos observar, já em Platão, que o desapego à vida orgânica (biológica) é fundamental para o desenvolvimento do pensamento, e por isso devemos morrer em vida; ou seja, nos afastarmos dos prazeres e desejos e não afirmá-los como faz a figura do senhor.

³⁴ “(...) Es verschwindet aber damit aus dem Spiele des Wechsels das wesentliche Moment, sich in Extreme entgegengesetzter Bestimmtheiten zu zersetzen; und die Mitte fällt in eine tote Einheit zusammen, welche in tote, bloss seiende, nicht entgegengesetzte Extreme zersezt ist; und die beiden geben und empfangen sich nicht gegenseitig von einander durch das Bewusstsein zurück, sondern lassen einander nur gleichgültig, als Dinge, frei. Ihre Tat ist die abstrakte Negation, nicht die Negation des Bewusstseins, welches so aufhebet, dass es das Aufgehobene aufbewahrt und erhält, und hiemit sein Aufgehobenwerden überlebt.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 131. 2006).

vez mais o desejo (*Begierde*)³⁵, e assim o senhor está cada vez mais próximo da relação com a vida orgânica. O senhor é a prisão da vida orgânica.

Resta-nos observar o outro extremo deste silogismo, ou seja, o escravo. O escravo foi apresentado num primeiro momento como o lado fraco que por temer a morte e se submeter ao senhor opta pela vida (natureza orgânica) e pelo trabalho (*Arbeit*) estando como inessencial na relação. Porém, é justamente essa postura que a transformará na figura mais rica dos extremos do silogismo. Em primeiro lugar, esta consciência (o escravo) não nega a vida de maneira puramente natural – através da morte –, mas a mantém. Ao fazer isso esta consciência (escravo) decide que seu em-si e para-si não está na morte, mas na manutenção da vida e na relação destas consciências entre si como viventes e desejantes de reconhecimento. Em segundo lugar, esta consciência (escravo) reconhece a outra (senhor) como em-si e para-si e ao servi-lo e trabalhar (transformar a natureza em produto para o consumo) realiza seu em-si e seu para-si.

Atentemos mais detalhadamente para o movimento dessa figura. A consciência (escravo) na luta pelo reconhecimento – luta de vida e de morte – diante da postura da outra consciência (senhor) que despreza totalmente a vida através da morte – negação natural e absoluta da existência –, teme a morte,

³⁵ Destacamos aqui os apontamentos de Hösle sobre este aspecto da luta de vida e morte e da figura do senhor respectivamente. “Porque concretamente, o reconhecimento do outro como um sujeito que é mais do que um mero objeto natural apenas é possível pelo fato de ambos os sujeitos implicados no processo do reconhecimento expressarem essa sua essência – que eles são mais do que natureza – e, além disso, se desfazerem de sua imediatez. Essa imediatez é, porém, o corpo, no qual a autoconsciência existe e assim também existe para os outros. (...) Enquanto o senhor, que provou na luta ter coragem de abstrair da vida, continua na imediatez do desejo, cuja satisfação só lhe é mediada pelo trabalho do escravo...” (Hösle, V. O Sistema de Hegel, p. 414 e p.416. 2007).

sente o temor (medo absoluto) e angustia-se³⁶ recuando da postura de desprezo da vida e reconhece a outra consciência (senhor). Ao reconhecer o senhor, esta consciência (escravo) o coloca como essência e sua verdade passa a ser uma consciência para-si existente, isto é, uma consciência para-si que é para ela ao mesmo tempo em que não é ela mesma, uma outra consciência negativa e capaz de realizar sua verdade.

Vimos somente o que a escravidão é em relação à dominação. Mas a consciência escrava é consciência-de-si, e importa considerar agora o que é em si e para si mesma. Primeiro, para a consciência escrava, o senhor é a essência; portanto, *a consciência independente para si essente* é para ela *a verdade*; contudo para ela [a verdade] ainda não está nela, muito embora tenha *de fato nela mesma* essa verdade da pura negatividade e do *ser-para-si*; pois *experimentou* nela essa essência.³⁷ (...) (Ibidem, §194 p.149).

Por isso, essa outra consciência (o senhor) faz com que esta consciência (o escravo) tenha a experiência do medo e da morte e passe por uma angústia e agonia que o faça tremer no âmago de seu ser (em-si) e repense a experiência da totalidade da vida.

(...) Essa consciência sentiu a angústia, não por isto ou por aquilo, não por este ou aquele instante, mas sim através de sua essência toda, pois sentiu o medo da morte, do senhor absoluto. Aí se

³⁶ Hegel usa o termo *Angst* no original alemão.

³⁷ "Wir sahen nur, was die Knechtschaft im Verhältnisse der Herrschaft ist. Aber sie ist Selbstbewusstsein, und was sie hienach an und für sich selbst ist, ist nun zu betrachten. Zunächst ist für die Knechtschaft der Herr das Wesen; also das selbstständige für sich seiende Bewusstsein ist ihr die Wahrheit, die jedoch FÜR SIE noch nicht an ihr ist. Allein sie hat diese Wahrheit der reinen Negativität und des Fürsichseins in der Tat an ihr selbst; denn sie hat dieses Wesen an ihr erfahren." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 134. 2006).

dissolveu interiormente; em si mesma tremeu em sua totalidade; e tudo que havia de fixo, nela vacilou.³⁸ (Ibidem, §194 p. 149).

Esta angústia agônica e seu repensar a experiência da totalidade da vida faz com que esta consciência (escravo) pense a vida desapegada da vida orgânica (natureza) que outrora tinha como único conceito de vida³⁹ e pense a vida sem formas estáveis, vínculos particulares ou naturais, ou seja, sem um ser-aí (*Dasein*) natural. Com a angústia agônica a consciência escrava conquista o primeiro passo para sua independência e posterior liberdade porque com o desapego da vida orgânica ela inicia um novo processo que suprassume⁴⁰ a opção dada na luta de vida e morte. A opção anterior era negar a vida orgânica na aparência imediata que é o corpo no qual as consciências aparecem umas para as outras, a opção feita pelo senhor. Ao contrário, o pensamento agônico absoluto (angústia) efetiva a negação do corpo na consciência que a sente e reflete sem eliminar o outro ou a si mesmo e deste modo suprassume a opção do senhor.

Contudo, este primeiro passo efetivo para o si da consciência é apenas uma pequena parte do processo em direção ao si porque persiste nele um

³⁸ "(...) Dies Bewusstsein hat nämlich nicht um dieses oder jenes, noch für diesen oder jenen Augenblick Angst gehabt, sondern um sein ganzes Wesen; denn es hat die Furcht des Todes, des absoluten Herrn, empfunden. Es ist darin innerlich aufgelöst worden, hat durchaus in sich selbst erzittert, und alles Fixe hat in ihm gebebt." (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 134. 2006).

³⁹ Lembramos que o senhor ao se pôr imediatamente além da vida pela morte continua preso a este conceito de vida orgânica (natural).

⁴⁰ Tomamos a decisão de manter em nosso texto os termos suprassunção e suprassumir para se referir ao termo alemão *Aufhebung* e *aufheben* para não destoar da tradução de Paulo Meneses da *Fenomenologia do Espírito*. Os termos suprassunção e suprassumir podem ser entendidos respectivamente como superação e conservação de algo, e, superar-conservando algo.

problema: o afã⁴¹ realizado pela angústia agônica está apenas no sujeito, em seu interior; e precisa sair, exteriorizar-se para tomar o rumo de um processo efetivo ou cairá na abstração da qual o reconhecimento (*Anerkennen*) está preso. O processo efetivo estará completo quando o escravo passar por mais dois passos de sua formação para o si da consciência.⁴²

Entretanto, esse movimento universal puro, o fluidificar-se absoluto de todo subsistir, é a essência simples da consciência-de-si, a negatividade absoluta, o puro ser-para-si, que assim é nessa consciência. É também para ela esse momento do puro ser-para-si, pois é seu objeto no senhor. Aliás, aquela consciência não é só essa universal dissolução em geral, mas ela se implementa efetivamente no servir. Servindo, suprassume em todos os momentos sua aderência ao ser-aí natural; e trabalhando o elimina.⁴³ (Ibidem, §194 p. 149 - 150).

No serviço ou na disciplina do servir⁴⁴ o escravo aprende outra maneira de desapego – já vimos que a angústia agônica efetiva o desapego com a vida orgânica de modo subjetivo (interior) e no serviço esse desapego se tornará objetivo (exterior) – que só aparece quando se trabalha para alguém ou para todos.

⁴¹ Para distinguirmos a categoria filosófica chamada de trabalho – que é desenvolvida e tematizada por Hegel – do trabalho no sentido corriqueiro da língua portuguesa, usaremos a palavra afã para denotar este tipo mais corriqueiro de trabalho.

⁴² “Ademais, a consciência do escravo não é somente a dissolução em si de toda subsistência; é também eliminação progressiva de toda aderência a um ser-aí determinado, porque no serviço – no serviço particular do senhor – disciplina-se e se desvincula do ser-aí natural.” (Hyppolite, J. Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel, p. 190. 1999).

⁴³ “(...) Die reine allgemeine Bewegung, das absolute Flüssigwerden alles Bestehens ist aber das einfache Wesen des Selbstbewusstseins, die absolute Negativität, das reine Fürsichsein, das hiemit an diesem Bewusstsein ist. Dies Moment des reinen Fürsichsein ist auch für es, denn im Herrn ist es ihm sein Gegenstand. Es ist ferner nicht nur diese allgemeine Auflösung überhaupt, sondern in Dienen vollbringt es sie wirklich; es hebt darin in allen einzelnen Momenten seine Anhänglichkeit an natürliches Dasein auf, und arbeitet dasselbe hinweg.” (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 134. 2006).

⁴⁴ O termo alemão utilizado por Hegel para designar o que chamamos de serviço ou disciplina do servir é *Dienst*. Esse termo no alemão cotidiano ainda conserva o sentido de trabalho como serviço, tarefa e ocupação.

Ao trabalhar para o senhor, o escravo não tem mais direito de consumir de maneira pura e imediata, compulsivamente até que o gozo cesse momentaneamente seu desejo (*Begierde*) como faz o senhor⁴⁵. Na qualidade de quem trabalha para o senhor, o escravo aprende de maneira prática – pois fica somente com o suficiente para viver – que ele não pode realizar a satisfação plena do desejo (*Begierde*) já que esse somente destrói o objeto, apenas consome; o desejo (*Begierde*) só alcança sua satisfação porque o escravo garante a permanência do objeto de consumo que é destruída pelo desejo (*Begierde*), tanto do escravo que consome de maneira refreada, quanto do senhor que consome de maneira plena, goza.

Esse consumo refreado do escravo exterioriza aquele desapego causado pela angústia agônica, mas como outra maneira de desapego, isto é, o desapego causado pelo serviço tira o escravo do círculo vicioso realizado pelo desejo (*Begierde*), cuja expressão é o senhor, pois o escravo consome refreado, tem o desejo refreado (*gehemmte Begierde*) e por isso não se realiza pelo desejo (*Begierde*) e sua satisfação (*Befriedigung*), mas sim por meio da permanência do objeto. O escravo percebe que a permanência do objeto é o que permite a satisfação do outro e dele (mesmo que refreada). Ao trabalhar para o senhor, o escravo aprende a refrear o desejo e a valorizar a permanência do objeto realizada pelo seu trabalho (*Arbeit*) e, com isso,

⁴⁵ “Ao servir o senhor o escravo segue a vontade de outro; sua consciência é mediatizada. Ele vive em função da angústia (humana) e não em função de sua *Begierde* (animal).” (Kojève, A. Introdução à leitura de Hegel, p. 54. 2002).

descobre que o trabalho (*Arbeit*) é o mais importante na relação consigo e com senhor.⁴⁶

Mas o sentimento da potência absoluta em geral, e em particular o do serviço, é apenas a dissolução em si; e embora o temor do senhor seja, sem dúvida, o início da sabedoria, a consciência aí é para ela mesma, mas não é o ser-para-si; porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho.⁴⁷ (Ibidem, §195 p. 150).

Ao descobrir o trabalho (*Arbeit*) no serviço (*Dienst*), o escravo toma o rumo para a efetivação do seu ser para si porque o trabalho (*Arbeit*) traz para ele um movimento triplo que caracterizará o movimento (função) mediador do trabalho (*Arbeit*)⁴⁸ na efetivação em-si e para-si da consciência (escravo) realizando a suprassunção da natureza e do desejo para conduzir à intersubjetividade das consciências.

O trabalho (*Arbeit*) inicialmente aparece como uma simples prática, porém, o ato de trabalhar não é um simples afã como mera habilidade de lidar com as coisas; ao contrário, o trabalho (*Arbeit*) descoberto no serviço pelo escravo é o que torna possível a permanência do objeto de consumo, isto é, o trabalho (*Arbeit*) transforma a natureza em produto e quebra o ciclo do desejo refreando-o.

⁴⁶ “O que importa no serviço é o trabalho, fundado na angústia, a serviço do senhor. O escravo ainda não está consciente do valor libertador do trabalho.” (Kojève, A. Introdução à leitura de Hegel, p. 54. 2002).

⁴⁷ “Das Gefühl der absoluten Macht aber überhaupt, und ihm einzelnen des Dienstes ist nur die Auflösung an sich, und ob zwar die Furcht des Herrn der Anfang der Weisheit ist, so ist das Bewusstsein darin für es selbst, nicht das Fürsichsein. Durch die Arbeit kömmt es aber zu sich selbst.” (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 134-135. 2006).

⁴⁸ “O medo ao senhor é apenas o começo da sabedoria. A aplicação no servir só fornece o sentimento da dissolução que a consciência experimenta em si, mas não é ainda o ser-para-si. Chegamos ao ponto em que o trabalho assume a função mediadora para a consciência servil.” (Santos, J. H. O trabalho do Negativo, p. 202. 2007).

(...) No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, parecia caber a consciência escrava o lado da relação inessencial para com a coisa, porquanto ali a coisa mantém sua independência. O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o *subsistir*. O trabalho, ao contrário, é desejo *refreado*, um desvanecer *contido*, ou seja, o trabalho *forma*. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio termo ou negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a *singularidade*, ou o puro ser para si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente como intuição de si mesma.⁴⁹ (Ibidem, §195 p. 150).

Esta transformação da natureza em produto consiste no processo de eliminação da natureza como coisa independente. Lembremos que a coisa natural tinha uma independência em-si para a consciência – tanto a que optou pela figura do senhor quanto à do escravo – pois era fechada para a consciência. A partir do momento que o escravo trabalha a coisa natural ele a elimina enquanto coisa independente para a consciência, pois a transforma – muda sua forma e seu conteúdo – naquilo que a consciência precisa e deseja.

⁴⁹ “In dem Momente, welches der Begierde im Bewusstsein des Herrn entspricht, schien den dienenden Bewusstsein zwar die Seite der unwesentlichen Beziehung auf das Ding zugefallen zu sein, indem das Ding darin seine Selbstständigkeit behält. Die Begierde hat sich das reine Negieren des Gegenstandes, und dadurch das unvermischte Selbstgefühl vorbehalten. Diese Befriedigung ist aber deswegen selbst nur ein Verschwinden, denn es fehlt ihr die gegenständliche Seite oder das Bestehen. Die Arbeit hingegen ist gehemmte Begierde, aufgehaltenes Verschwinden, oder sie bildet. Die Negative Beziehung auf den Gegenstand wird zu Form desselben, und zu einem Bleibenden; weil eben dem Arbeitenden der Gegenstand Selbstständigkeit hat. Diese Negative Mitte oder das formierende Tun ist zugleich die Einzelheit oder das reine Fürsichsein des Bewusstseins, welches nun in der Arbeit ausser es in das Element des Bleibens tritt; das arbeitende Bewusstsein kommt also hiedurch zur Anschauung des selbstständigen Seins, als seiner selbst.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

Esse processo de transformação preenche e carrega a coisa com o interior da consciência⁵⁰, isto é, a coisa torna-se produto humano, contém a característica que a torna inteligível e cognoscível às consciências porque está cheia daquilo que as consciências a preencheram para construir a realidade em torno delas e, por isso, perdeu totalmente sua independência em relação à consciência; neste momento em particular, perdeu sua independência somente para a consciência que a trabalhou – o escravo.

Deste modo, o trabalho (*Arbeit*) realizado pelo escravo efetiva o primeiro passo da mediação proporcionada pelo trabalho (*Arbeit*) à consciência. Esse passo se caracteriza pela relação negativa com a coisa que é o objeto do trabalho (*Arbeit*) do escravo, pois o processo de transformação da coisa – como descrito anteriormente – nega a coisa independente suprassumindo-a, isto é, o trabalho (*Arbeit*) a destrói como coisa independente e a plasma na forma de produto eliminando sua independência de coisa fechada em-si, pois a tornou produto humano. O produto tem a forma e o conteúdo da consciência que a suprassume pelo trabalho (*Arbeit*). A relação estabelecida neste momento é negadora e transformativa ou formativa já que a negação da coisa formou outra forma de representação que é o produto.

O produto é a suprassunção (*Aufhebung*) da natureza e com ele vem a negação do desejo (*Begierde*) porque, ao contrário desse, o produto enquanto negação da natureza permite a permanência do objeto pela suprassunção realizada no processo, pois o processo destrói para formar algo novo e presente à consciência; já o desejo (*Begierde*) – como vimos na figura do

⁵⁰ (...) “Deste modo, a negatividade da formação da coisa torna-se negatividade própria, isto é, o ser-para-si de quem trabalha suprime e sublima o que existia como algo autônomo e contraposto.” (...) (Santos, J. H. O trabalho do Negativo, p. 203. 2007).

senhor – destrói o objeto no sentido puro e simples, ou seja, o nega no sentido orgânico, físico o que não gera ou forma coisa alguma e impede a sua permanência. Assim, o produto torna-se a imanente permanência do objeto trazendo à tona a característica do trabalho (*Arbeit*) como desejo refreado (*gehemmte Begierde*), pois o desaparecer da coisa natural é contido na formação de outra a qual a ganha permanência.

A permanência imanente do objeto formado no processo de transformação da coisa natural pelo trabalho (*Arbeit*) em seu agir negativo e formativo exterioriza toda a singularidade da consciência que a produziu, porque como vimos anteriormente, a coisa quando se transforma em produto e se enche plenamente daquilo que a consciência trabalhadora (o escravo) a torna, já que ela como produto consiste naquilo que a consciência forma para um fim específico. Quando o objeto adquiriu o caráter de ser feito para um fim específico, quem se torna independente na relação é a consciência e não mais o objeto e, por isso, a consciência efetiva-se como ser independente, como ser para si dela (consciência).⁵¹

O processo desenvolvido até aqui pelo agir do trabalho (*Arbeit*) nos mostrou apenas o caráter positivo do trabalho (*Arbeit*), pois as mediações realizadas até agora pelo trabalho (*Arbeit*) – negação da independência da coisa natural e do desejo – por mais que tenha conduzido a consciência para seu exterior e iniciado a efetivação do seu ser para-si o fez apenas pela

⁵¹ (...) “O trabalho escravo chega, portanto, à realização autêntica do ser-para-si no ser-em-si. A coisidade diante da qual o escravo tremia é eliminada, e o que aparece no elemento da coisidade é o puro ser-para-si da consciência. Logo, o ser-em-si, o ser da vida, já não está separado do ser-para-si da consciência, mas o trabalho da consciência de si eleva-se a intuição de si mesma no ser.” (...) (Hyppolite, J. Gênesis e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel, p. 191. 1999).

suprassunção dos elementos que pareciam impedir a consciência de realizar seu ser para-si. Cabe agora analisarmos o caráter negativo do trabalho (*Arbeit*), que consiste no segundo agir do trabalho (*Arbeit*) ou segunda mediação que completa o processo mediativo do trabalho (*Arbeit*) para efetivação da consciência de si.

O caráter negativo do trabalho (*Arbeit*) ou segunda mediação acontece porque a transformação que o trabalho (*Arbeit*) realiza na natureza eliminando a coisa independente e, conseqüentemente, quebrando o ciclo do desejo trazendo à tona o elemento do permanente, desenvolve um segundo movimento: a eliminação do medo da morte causador da angústia agônica. A angústia agônica é o primeiro passo para que a consciência se desapegue da vida orgânica e caminhe rumo a sua liberdade, porém, ela também deve ser suprassumida como as etapas anteriores o foram. E o trabalho (*Arbeit*) em seu movimento realiza essa suprassunção (*Aufhebung*).

No entanto, o formar não tem só este significado positivo, segundo o qual a consciência escrava se torna um para si essente como puro ser-para-si. Tem também um significado negativo frente a seu primeiro momento, o medo. Com efeito: no formar da coisa, torna-se objeto para o escravo sua própria negatividade, seu ser-para-si, somente porque ele suprassume a forma essente oposta. Mas esse negativo objetivo é justamente a essência alheia ante a qual ele tinha tremido. Agora, porém, o escravo destrói esse negativo alheio, e se põe como tal negativo, no elemento do permanecer: e assim se torna, para si mesmo, um *para-si-essente*.⁵² (Ibidem, §196 p. 150).

⁵² “Das Formieren hat aber nicht nur diese positive Bedeutung, dass das dienende Bewusstsein sich darin als reines Fürsichsein zum Seienden wird; sondern auch die negative, gegen sein erstes Moment, die Furcht. Denn in dem Bilden des Dinges wird ihm die eigne Negativität, sein Fürsichsein, nur dadurch zum Gegenstande, dass es die entgegengesetzte seiende Form aufhebet. Aber dies gegenständliche Negative ist gerade das fremde Wesen, vor welchem es gezittert hat. Nun aber zerstört es dies fremde Negative, setzt sich als ein solches in das Element des Bleibens; und wird hiedurch für sich selbst, ein für sich Seiendes.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

A transformação ou formação da coisa independente – realizada pelo trabalho (*Arbeit*) – que positivamente a transforma em produto efetivando o elemento do permanente, também negativamente realiza a supressão (*Aufhebung*) do medo. Tal momento é possível porque ao eliminar a coisa independente e supressumi-la (*aufheben*) no elemento do permanente, o escravo supressumiu (*aufgehoben*) o que para ele constituía uma forma essente (*seiende*) oposta, justamente a essência a qual ele tinha temido já que pelo temor ele descobre a angústia agônica e o serviço, e pela mediação do trabalho (*Arbeit*) os suprassume (*aufheben*).

Portanto, o negativo objetivo perante o qual o escravo tremeu e recuou, agora foi enfrentado e superado pelo elemento permanente resultante do trabalho (*Arbeit*). No processo do trabalho (*Arbeit*), o negativo objetivo alheio (o outro) é destruído junto com a coisa independente e a quebra do desejo realizando o ser para si da consciência trabalhadora. A ocorrência deste momento consiste na destruição do negativo objetivo pelo processo do trabalho (*Arbeit*), uma vez que o trabalho (*Arbeit*) reconstitui a forma e preenche plenamente o conteúdo com aquilo que a consciência o imprimiu, o mesmo aconteceu com o negativo alheio.

Ao trabalhar o escravo destrói ao mesmo tempo em que reconstitui esse negativo alheio e, por isso, apropria-se dele como fez com a coisa ao transformá-la em produto⁵³. Nesta apropriação a consciência trabalhadora

⁵³ (...) “Ao mesmo tempo, porém, o servo que trabalha, que forma seu objeto, consegue alhear-se e objetivar a negatividade que havia se apossado dele como consciência da morte, pois, ao dar ao objeto a forma querida por ele, ele suprassume a forma que o objeto tinha

sente e apercebe-se de que ela mesma consiste nesta ação objetiva negadora e se coloca como tal na efetividade do elemento permanente. Ao estar cônica de sua atividade negadora objetiva conhecendo-a pelo trabalho (*Arbeit*), a consciência vem a ser para si mesma um para-si-essente no elemento do permanecer, ou seja, ela efetiva o seu ser-em-si e para-si na realidade, em sua existência.

No senhor, o ser-para-si é para o escravo *um Outro*, ou seja, é somente para ele. No medo, o ser para si está *nele mesmo*. No formar, o ser-para-si torna para ele como o *seu próprio*, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si.⁵⁴ (Ibidem, §196 p. 150).

Neste momento, a trajetória da consciência de si se efetiva e abre caminho retomando a intersubjetividade das consciências – em sua figura histórica e social – porque torna efetivo o primeiro passo para o reconhecimento (*Anerkennen*) concreto das consciências - tal passo torna-se possível quando o escravo efetivou seu ser para si e se libertou; essa atitude do escravo possibilita que o senhor se liberte da prisão causada pelo desejo (*Begierde*), pois o escravo sabe como suprássumi-lo (*aufheben*).

Ora, como uma consciência tende sempre a fazer aquilo que a outra faz, pois são ambas as consciências de si buscando a efetivação de seu si, o senhor pode aprender com o escravo e sair da relação unilateral de

originariamente, realiza, portanto nele a negatividade que outrora o havia ameaçado.” (...) (Hösle, V. O Sistema de Hegel, p. 416 - 417. 2007).

⁵⁴ “Im Herrn ist ihm das Fürsichsein ein anderes oder nur für es; in der Furcht ist das Fürsichsein an ihm selbst; in dem Bilden wird das Fürsichsein als sein eignes für es, und es kommt zum Bewusstsein, dass es selbst an und für sich ist.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

reconhecimento (*Anerkennen*) para o reconhecimento (*Anerkennen*) concreto das consciências⁵⁵. Ou como afirma Hegel “A verdade da consciência independente é, por conseguinte a consciência escrava.” (Ibidem, §193 p. 149)⁵⁶. Se o senhor não aprender a verdade que o escravo traz consigo nunca se libertará. Agora, neste momento derradeiro da mediação do trabalho (*Arbeit*) o reconhecimento (*Anerkennen*) ainda continua unilateral, mas abre-se pela primeira vez no processo da consciência a possibilidade efetiva do processo de reconhecimento (*Anerkennen*) concreto das consciências de si.

Aqui Hegel resgata a concepção antiga de escravo na qual o escravo é pensado como meio de vida e ferramenta⁵⁷. O escravo apresenta-se como detentor de um saber prático necessário ao senhor porque ele consiste na mediação entre o senhor e o mundo que o cerca por ser pura ação transformadora. Na qualidade de meio pelo qual o senhor se relaciona consigo e com o mundo, o escravo pode, a partir de sua emancipação, inverter toda a lógica da dominação e suprasumir (*aufheben*) as figuras dessa relação social – senhor e escravo.

⁵⁵ “(...) Essa emancipação do servo, porém, que se fez a si mesmo maduro para a liberdade, é, na verdade, ao mesmo tempo uma libertação também do senhor, pois o senhor, que é reconhecido unilateralmente pelo servo, alcançou tão pouco quanto o servo a meta da luta pelo reconhecimento (...).” (Hösle, V. O Sistema de Hegel, p.417. 2007).

⁵⁶ “Die Wahrheit des selbstständigen Bewusstseins ist demnach das knechtische Bewusstsein.” (Hegel, G.W.F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

⁵⁷ O apontamento de que Hegel se utiliza de figuras da história clássica greco-romana no capítulo IV da Fenomenologia é abundante entre os comentadores de Hegel. A título de ilustração compilamos uma passagem da “Política” de Aristóteles na qual observamos sua reflexão sobre o escravo: “(...) O escravo é uma espécie de **propriedade viva** e todo o ajudante é como que o primeiro de todos os instrumentos. (...) Em qualquer caso, os instrumentos propriamente assim chamados são instrumentos de produção, enquanto uma propriedade é um instrumento de ação. (...) **A vida é ação, e não produção, pelo que o escravo é um ajudante a incluir entre as coisas que promovem a ação.** (...) Do mesmo modo, assim como o senhor somente o é enquanto senhor do escravo, mas não lhe pertence, o escravo não é apenas escravo do seu senhor; pertence-lhe inteiramente. (...) Estas considerações tornam evidente o que são a natureza e a faculdade de ser escravo: aquele que, por natureza, sendo humano, não pertence a si próprio mas a outrem, é escravo por natureza. Um ser humano pertence a outro se, apesar de humano, for um objeto de propriedade; e uma propriedade é **um instrumento destinado à ação e com existência autônoma**”. (Aristóteles, Política livro I 4. p. 59-61. 1998).

Deste modo, percebemos que o caráter mediador do trabalho (*Arbeit*) ou sua função mediadora equivale à passagem da transformação da consciência em consciência de si. O processo transformador do trabalho (*Arbeit*) realiza justamente aquilo que a consciência desde seu início procurava, isto é, efetivar seu ser em-si e para-si no reconhecimento absoluto do outro, sendo o outro ela mesma. Todos os passos desenvolvidos até aqui, a luta de vida e morte e o desapego da vida orgânica, a disciplina do serviço e o trabalho (*Arbeit*) e seu processo transformador constituíram dialeticamente os momentos do processo efetivo pelo qual a consciência se reconhece e é reconhecida como consciência de si.

Porém, a dialética do trabalho (*Arbeit*) é a única que constitui efetividade aos momentos anteriores, pois todos os momentos precedentes ainda caíam numa prisão semelhante à do reconhecimento (*Anerkennen*) porque apesar de ser uma lógica efetiva – o reconhecimento (*Anerkennen*) era uma lógica abstrata – ela permanecia na interioridade da consciência e não se exteriorizava para vir-a-ser efetividade plena. Esta efetividade só poderia ser alcançada com o processo desencadeado pela ação do trabalho (*Arbeit*) que tornou a consciência exterior e, conseqüentemente, objetiva. A mediação do trabalho entre a consciência e seu outro é a primazia da efetividade da consciência de si.

CAPÍTULO III

A Formação da Consciência de Si

No capítulo anterior, vimos que o caráter mediador do trabalho (*Arbeit*) realiza a efetivação do conceito de consciência de si. Neste processo mediador realizado pela dialética intrínseca ao produzir do trabalho (*Arbeit*), Hegel afirma que este processo dialético que transforma a coisa natural em produto tem um agir formativo nesta transformação, um agir formativo que ao mesmo tempo em que forma a coisa também forma a consciência escrava em Consciência de Si. Esse agir formativo constitui a análise do presente capítulo.

Começemos com o primeiro sentido do agir formativo: o processo de transformação da coisa natural em produto. O escravo ao trabalhar a coisa natural (independente) inicia o processo de repressão ou refreção do desejo (*Begierde*), pois, ao contrário do desejo (*Begierde*), o trabalho (*Arbeit*) rompe com o puro negar do objeto para imprimir-lhe um sentido e resguardá-lo no elemento do permanecer, no qual o desaparecer do objeto realiza a transformação dele em um novo objeto pleno daquilo que a consciência quer e, por isso, o consumo consiste na forma de um desaparecer contido e gerador de permanência do objeto. Esta nova forma de relação negativa para com o objeto lhe reconstitui como singularidade e identidade com a consciência trabalhadora que pela primeira vez pode se ver como formadora e instituidora da realidade que a cerca.

(...) No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, parecia caber à consciência escrava o lado da relação inessencial para com a coisa, porquanto ali a coisa mantém sua independência. O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o *subsistir*. O trabalho, ao contrário, é desejo *refreado*, um desvanecer *contido*, ou seja, o trabalho *forma*. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio termo ou negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a *singularidade*, ou o puro ser para si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente como intuição de si mesma.⁵⁸ (Ibidem, §195 p. 150).

Esse primeiro agir formativo do trabalho (*Arbeit*) apresenta-se pelo caráter positivo porque a formação constitui-se pela negação da coisa independente e sua transformação em produto resultando na visão da consciência trabalhadora como formadora e instituidora da realidade que a cerca. O trabalho (*Arbeit*), portanto, forma o objeto como produto da consciência que trabalha. Este produto da consciência que trabalha realiza um passo fundamental porque faz a reconstituição de forma e conteúdo do objeto dado primariamente transformando-o em produto (objeto novo); desencadeia um processo maior sob a aparência do que um mero afã que transformou A em B, como por exemplo, a madeira que virou mesa. O que subjaz nesta aparência de um simples afã transformador consiste no processo de assimilação do

⁵⁸ “In dem Momente, welches der Begierde im Bewusstsein des Herrn entspricht, schien den dienenden Bewusstsein zwar die Seite der unwesentlichen Beziehung auf das Ding zugefallen zu sein, indem das Ding darin seine Selbstständigkeit behält. Die Begierde hat sich das reine Negieren des Gegenstandes, und dadurch das unvermischte Selbstgefühl vorbehalten. Diese Befriedigung ist aber deswegen selbst nur ein Verschwinden, denn es fehlt ihr die gegenständliche Seite oder das Bestehen. Die Arbeit hingegen ist gehemmte Begierde, aufgehaltenes Verschwinden, oder sie bildet. Die Negative Beziehung auf den Gegenstand wird zu Form desselben, und zu einem Bleibenden; weil eben dem Arbeitenden der Gegenstand Selbstständigkeit hat. Diese Negative Mitte oder das formierende Tun ist zugleich die Einzelheit oder das reine Fürsichsein des Bewusstseins, welches nun in der Arbeit ausser es in das Element des Bleibens tritt; das arbeitende Bewusstsein kommt also hiedurch zur Anschauung des selbstständigen Seins, als seiner selbst.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

objeto pelo sujeito e do sujeito pelo objeto, isto é, a supressão ou assimilação da dicotomia filosófica moderna entre sujeito e objeto. Aquilo que aos olhos incautos pode parecer apenas um afã transformativo da madeira em mesa constitui a saída de um dos principais problemas filosóficos da modernidade.

Para Hegel, o processo do trabalho (*Arbeit*) consiste no vínculo, na relação que o sujeito trava com o objeto exterior, o outro que lhe é independente, não-idêntico e por vezes fechado em si e inacessível. Esse objeto lhe incomoda e persegue tornando cada vez mais difícil para o sujeito uma identificação ou reconciliação com a realidade que o cerca formada plenamente de objetos que lhe são exteriores⁵⁹.

A consciência percorreu uma grande jornada através das figuras que a precederam na Fenomenologia do Espírito – *Certeza Sensível, Percepção e Força e Entendimento* – sempre às voltas com o problema do outro e as dificuldades de uma reconciliação com ele. Porém, agora, na *Verdade da Certeza de si mesmo*, o capítulo analisado na presente dissertação, a consciência encontrará uma vinculação com o mundo natural e espiritual que a cerca.

A vinculação começa com o desejo (*Begierde*), a primeira forma de relação com o outro e que realiza a supressão deste. A figura da consciência que encarna essa forma de relação com o outro é o senhor. Nela, o consumo e

⁵⁹ “Para Hegel, o trabalho é um vínculo, uma relação, e, sob esse aspecto, seu lugar no ser espiritual que é o homem é a consciência. Pois esta é relação vivida, presente enquanto tal, do sujeito com o objeto que o nega, que o irrita e, desse modo, o mobiliza. Relação prática, ativa, o trabalho é então, já que toda atividade é negatividade, uma negação dele mesmo, da diferença, nele, do sujeito e do objeto, pelo momento imediatamente atuante que comporta, momento do sujeito ávido de restabelecer em seu seio a identidade a si constitutiva do espírito, isto é, de suprimir a relação consciencial da qual é portador.” (Bourgeois, B. Os atos do espírito, p. 77. 2004).

satisfação realizados pelo desejo (*Begierde*) eliminam o outro, inclusive a outra consciência que é posta no campo da coisidade a ser negada. Como já vimos no capítulo anterior de nossa análise, a figura do senhor apresenta vários problemas em sua origem, apesar de se colocar efetivamente como para si numa vinculação com o mundo, ela cai no ciclo vicioso do desejo (*Begierde*) que a impede de se realizar, ao mesmo tempo, no mundo natural e espiritual, ou seja, na humanidade.

Isto ocorre porque a satisfação do desejo pura e simplesmente destrói o objeto e o consumo advindo deste processo não permite que a consciência se reconheça no objeto, pois nada permaneceu de novo para que a consciência se positive como ação negadora que institui realidade e, deste modo, suprima a dicotomia sujeito e objeto.⁶⁰

No entanto, o trabalho (*Arbeit*) desenvolvido pela consciência escrava ocupa-se do objeto de maneira ímpar, com uma singularidade sem precedentes para a consciência. O trabalho (*Arbeit*) opera uma dialética com resultados filosóficos que, pela primeira vez, permite uma forma de reconciliação da consciência com o objeto enquanto suprassunção (*Aufhebung*), isto é, destrói o objeto que lhe impede de se identificar no mundo que a cerca transformando-o em um novo objeto que contém aquilo que a consciência é, ou seja, o objeto é assimilado por ela e ela pelo objeto.

⁶⁰ “(...) A satisfação humana é a do objeto enquanto tomado e dominado pelo sujeito: o objeto consumido é, no caso do homem, consumido enquanto unidade dele mesmo e do sujeito que tomou, colheu, capturou. Mas esse ainda é um trabalho simplesmente formal, já que o objeto não traz, em sua materialidade, a marca do homem, a não ser quando desaparece ao ser consumido, de modo que a unidade do sujeito e do objeto produzida por tal trabalho, é, por assim dizer, anterior ao trabalho (positivo), é a unidade puramente subjetiva do sentimento de si fugaz, e não já a unidade subsistente da intuição de um conteúdo objetivo específico, novo. (...)” (Bourgeois, B. Os atos do espírito, p. 78. 2004).

Vimos que o processo do trabalho (*Arbeit*) ocupa-se de um objeto que é uma coisa independente que deve transformar-se em consumo para a satisfação plena do senhor e parcial do escravo, enquanto constituinte da sua subsistência (satisfação refreada). Nesta tarefa o trabalhador deve criar algo a partir da coisa dada já que ela por si só ou é independente (vida orgânica) ou absolutamente consumida pelo desejo que impede a sua permanência.

Aqui reside o dilema da ocupação do trabalhador: ele não é absolutamente vida orgânica (natureza) nem absoluto desejo (senhor), pois a angústia agônica que lhe marca a alma o desapegou totalmente da vida orgânica (ser aí natural), e a submissão como escravo pelo serviço lhe reprime (*Gehemmtsein*) o desejo (*Begierde*) restando-lhe apenas como opção refazer a coisa em algo novo refazendo-se neste movimento em algo novo também. O escravo está fadado a reconstruir a si e a coisa dada. Neste movimento, então, o escravo começa a transformar a coisa naquilo que ela deve ser para a consciência imprimindo-lhe plenamente o que a consciência é, sente, precisa e deseja tornando-a produto da consciência e para a consciência.

O produto, conseqüentemente, não é mero afã transformativo em si, mas o processo vinculante de dois opostos reconstituindo algo novo e para ambos numa relação de assimilação dos opostos numa identidade que ao mesmo tempo mantém a diferença. Logo, o produto consiste no produto de um processo formativo (*bilden*)⁶¹ e não a aparência do afã transformativo – a

⁶¹ Alguns comentadores e leitores de Hegel ao comentarem o trecho por nós analisado se referem ao processo formativo como educar. Entendemos que a palavra educar não seria a palavra mais precisa para este processo, pois, em primeiro lugar Hegel usa no original as palavras *bilden*, *Bildung* e *bildete* ao descrever o processo e, em segundo lugar “o alemão tem duas palavras comuns para educar e educação: *bilden* e *erziehen*, *Bilden* e *Erziehung*. *Bilden* também significa formar, moldar, modelar, cultivar e, antigamente, *Bildung* denotava apenas a

madeira que simplesmente virou mesa como num passe de mágica. A madeira só vira mesa porque existe um processo formativo que subjaz a aparência do mero afã e constitui o trabalho (*Arbeit*) enquanto categoria filosófica⁶².

Esta categoria filosófica do trabalho (*Arbeit*) caracteriza-se através da relação de assimilação entre consciência (o sujeito) e a coisa (objeto) porque o trabalho (*Arbeit*) objetivou-se no objeto trabalhado constituindo o produto que permanece mesmo após sua negação e conferindo ao produto uma positividade ou negação positiva que consiste na efetivação da consciência que se vê como instituidora e formadora da realidade, pois a realidade é vinculada à consciência e não mais oposta a ela, é o diferente que preserva no vínculo a identidade. A consciência escrava torna-se aqui consciência para si já que suprassumiu (*aufheben*) a independência do outro que agora é um não-diferente.

Contudo, a formação do trabalho (*Arbeit*) não é apenas a positividade aqui exposta. Ao mesmo tempo em que o trabalho (*Arbeit*) age no objeto suprassumindo-o (*aufheben*) e plasmando sua positividade na forma de produto, há a ação negativa do mesmo para a consciência que completará a formação como formação da consciência de si.

formação física de uma entidade; no século XVIII, J. Moser deu-lhe o sentido de educação, cultivação, cultura, como processo e resultado. Mas *bilden* e *Bildung* enfatizam o **processo e o resultado da educação**, enquanto *erziehen* e *Erziehung* apenas o processo, o método. Assim, *Erziehung*, ao contrário de *Bildung*, não significa cultura.” (Inwood, M. *Dicionário Hegel*; pág. 85. 2001).

⁶² “O trabalho, enquanto assimilação subjetiva do objeto, não é ele próprio objetivado segundo seu poder em si realmente produtor. Ora, é um grande princípio do hegelianismo que o que é em si não pode se manifestar, já que o absoluto não é senão sua manifestação de si. O trabalho deve, portanto, necessariamente objetivar-se como tal no próprio objeto, a negatividade que o constitui deve inscrever-se neste como qualidade positiva dele mesmo, que se dá então como um *produto*.” (Bourgeois, B. *Os atos do espírito*, p. 78. 2004).

No entanto, o formar não tem só este significado positivo, segundo o qual a consciência escrava se torna um para si essente como puro ser-para-si. Tem também um significado negativo frente a seu primeiro momento, o medo. Com efeito: no formar da coisa, torna-se objeto para o escravo sua própria negatividade, seu ser-para-si, somente porque ele suprassume a forma essente oposta. Mas esse negativo objetivo é justamente a essência alheia ante a qual ele tinha tremido. Agora, porém, o escravo destrói esse negativo alheio, e se põe como tal negativo, no elemento do permanecer: e assim se torna, para si mesmo, um *para-si-essente*.⁶³ (Ibidem, §196 p. 150).

No momento em que o trabalho (*Arbeit*) plasma o produto ele não somente o modifica na forma, mas o transforma essencialmente alterando sua essência. O processo dialético acontece da seguinte maneira: o objeto oposto à consciência trabalhadora consiste de resultados do processo precedente ao processo do trabalho (*Arbeit*). Na luta de vida e morte a consciência escrava teme, sente medo da morte, negatividade absoluta e natural, e é resignada pelo senhor na coisidade, na escravidão. No medo, o escravo sente a angústia agônica que o marca na alma e se despega da vida orgânica interiormente. A consciência escrava (trabalhadora) surge do medo ou temor da realidade oposta a ela que se apresenta como negatividade posta a ela. Esta negatividade posta consiste exatamente naquilo que é o objeto a ser trabalhado. O objeto que a consciência escrava é obrigada a trabalhar no serviço constitui justamente aquilo que ela havia temido. Portanto, quando o trabalho (*Arbeit*) desencadeia o processo dialético que suprassume (*aufheben*) o objeto em produto plasmando-o do conteúdo da consciência através de sua

⁶³ “Das Formieren hat aber nicht nur diese positive Bedeutung, dass das dienende Bewusstsein sich darin als reines Fürsichsein zum Seienden wird; sondern auch die negative, gegen sein erstes Moment, die Furcht. Denn in dem Bilden des Dinges wird ihm die eigne Negativität, sein Fürsichsein, nur dadurch zum Gegenstande, dass es die entgegengesetzte seiende Form aufhebet. Aber dies gegenständliche Negative ist gerade das fremde Wesen, vor welchem es gezirrt hat. Nun aber zerstört es dies fremde Negative, setzt sich als ein solches in das Element des Bleibens; und wird hiedurch für sich selbst, ein für sich Seiendes.“ (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135. 2006).

nova forma e, assim, efetivando a consciência trabalhadora como consciência para si, esta positividade dialeticamente atua negativamente na consciência afirmando seu para si como seu si.

No senhor, o ser-para-si é para o escravo *um Outro*, ou seja, é somente para ele. No medo, o ser para si está *nele mesmo*. No formar, o ser-para-si torna para ele como o *seu próprio*, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si.⁶⁴ (Ibidem, §196 p. 150).

Tal movimento formativo é possível pela vinculação ocorrida na relação formadora que assimila sujeito e objeto, consciência trabalhadora e objeto trabalhado. O vínculo obtido na relação modificou justamente a essência do objeto do trabalhador que era o objeto negativo essente oposto – o outro, o diferente – para produto da e para a consciência que tem na essência o não diferente ou identidade na diferença.

Com o vínculo formado entre sujeito e objeto nesta relação de assimilação de ambos pelo trabalho (*Arbeit*), a consciência suprassume (*aufheben*) a negatividade que havia temido e com isso se coloca como negatividade junto ao objeto no elemento do permanecer, isto é, na realidade modificada que a cerca. A destruição deste negativo alheio essente (*Seiende*) na forma do produto traz a efetivação da consciência trabalhadora como negatividade objetiva, pois a consciência positivamente objetivou-se (exteriorizou-se) na realidade modificada (no produto) e, também, sua nova

⁶⁴ “Im Herrn ist ihm das Fürsichsein ein anderes oder nur für es; in der Furcht ist das Fürsichsein an ihm selbst; in dem Bilden wird das Fürsichsein als sein eignes für es, und es kommt zum Bewusstsein, dass es selbst an und für sich ist.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 135. 2006).

essência objetivou-se com o produto tornando a o para si da consciência um essente (*seiende*) negativo e positivo ao mesmo tempo, como sua objetividade.

A consciência escrava encontra-se a si mesma de modo que seu si está na realidade concreta que a cerca e da qual ela é instituidora e formadora. A consciência ao aperceber-se do caráter formador negativo do trabalho (*Arbeit*) chega ao seu si plenamente objetivo.

A forma não se torna um outro que a consciência pelo fato de se ter *exteriorizado*, pois justamente essa forma é seu puro ser-para-si, que nesta exteriorização vem-a-ser para ela verdade. Assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um *sentido alheio*, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser *sentido próprio*.⁶⁵ (Ibidem §196, p.151).

Neste processo formativo de suprassunção (*Aufhebung*) do objeto pela consciência que lhe restitui seu si, a consciência forma-se na sua materialidade e concretude da realidade, que é sua objetivação numa segunda essência porque a materialidade plasmada pelo sujeito ao torná-lo produto, consiste numa realidade concreta e cada vez mais enriquecida pelo produto do trabalho (*Arbeit*), o qual torna a realidade concreta no mundo produzido pelo homem. Quando a consciência realiza seu si que é vinculante ao objeto e, por isso, instituidor de realidade concreta, entramos no mundo humano, que é e está em relação constante com o que o homem faz, fez e fará dele. Esta realidade

⁶⁵ "(...) Die Form wird dadurch, dass sie hinausgesetzt wird, ihm nicht ein anderes als es; denn eben sie ist reines Fürsichsein, das ihm darin zur Wahrheit wird. Es wird also durch dies Wiederfinden seiner durch sich selbst eigner Sinn, gerade in der Arbeit, worin es nur fremder Sinn zu sein schien." (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p. 135-136. 2006).

humana – concreta e objetiva – consiste na realidade histórica do homem
côncio de si no percurso da realização do espírito⁶⁶.

O processo formativo do trabalho (*Arbeit*) consiste em formar a
suprassunção (*Aufhebung*) dos momentos necessários já percorridos e
sentidos pela consciência na dialética do senhor e do escravo realizando seu si
neste mundo trabalhado por ela que representa a história da consciência de si,
ou seja, do homem. Os momentos do medo e do serviço e o momento do
formar suprassumem-se num só momento que os torna em uma maneira
específica de universal que se põe como essa realidade concreta trabalhada.

Porém, a negatividade resultante dessa formação na realidade
concreta trabalhada constitui-se **em relação** de duas partes assimiladas e
restituídas numa **segunda essência** que apesar de sua concretude ainda não
é uma **essência em si**. O que se efetivou até aqui como negatividade
formadora e produtora não é, nem pode ser entendido como negatividade em
si, aquela plena do mundo por si mesma. A negatividade que se forma e
efetiva-se como o si da consciência de si não torna a consciência a essência,
mas sim, é apenas o primeiro passo para o percurso do verdadeiro **Si** ou
essência que é o espírito.

⁶⁶ “Ao depositar-se como tal no objeto que ele transforma realmente, o trabalho faz a atividade humana escapar da simples repetitividade sem progresso da negação desejante das coisas; ao objetivar-se toda vez no ser de uma segunda natureza, de um mundo produzido pelo homem, ele permite que este produza-se ele próprio a partir de uma base objetiva constantemente enriquecida, isto é, no desenvolvimento de uma história. No trabalho cumulativo assim refletido dentro dele, e não mais lançado fora dele na repetição de satisfações muito imediatas, o desaparecimento natural da diferença entre o sujeito e o objeto é retardado pela continuidade do esforço histórico, por meio do qual o homem se torna o que ele é. O sujeito afirma então o objeto – como matéria – ao afirmar-se ele próprio nela – como forma – e para afirmar-se ele próprio em sua realidade verdadeiramente humana, pois a realidade é, primeiro, objetividade.” (Bourgeois, B. Os atos do espírito, p. 79. 2004).

Para que haja tal reflexão são necessários os dois momentos; o momento do medo e do serviço em geral, e também o momento do formar; e ambos ao mesmo tempo de uma maneira universal. Sem a disciplina do serviço e a obediência, o medo fica no formal, e não se estende sobre toda a efetividade consciente do ser-aí. Sem o formar, permanece o medo como interior e mudo, e a consciência não vem-a-ser para ela mesma. Se a consciência se formar sem esse medo absoluto primordial, então será apenas um sentido próprio vazio; pois sua forma ou negatividade não é a negatividade *em si*, e seu formar, portanto, não lhe pode dar a consciência de si como essência.⁶⁷ (Ibidem §196, p.151).

A consciência de si plena efetivada na formação do trabalho (*Arbeit*) inaugura para a consciência o momento em que ela experimentará sua liberdade, pois vive agora num mundo seu em que a concretude da realidade constitui-se da sua efetividade, ou seja, do mundo produzido por ela. O mundo humano ao qual a consciência chega aqui constitui sua liberdade em relação à natureza. Todo processo formativo dialeticamente percorrido pela consciência até aqui a tornou livre do ser aí natural pela supressão (*Aufhebung*) da relação sujeito e objeto, ela se libertou do outro e pôs-se como ser que domina a negatividade e faz sua própria realidade. Mas, assim como a negatividade concreta da consciência não é a negatividade como essência em si, a liberdade formada aqui não é a liberdade concreta plenamente efetivada e sim parcialmente efetivada.

⁶⁷ “(...) Es sind zu dieser Reflexion die beiden Momente, der Furcht und des Dienstes überhaupt, so wie des Bildens notwendig, und zugleich beide auf eine allgemeine Weise. Ohne die Zucht des Dienstes und Gehorsams bleibt die Furcht beim Formellen stehen, und verbreitet sich nicht über die bewusste Wirklichkeit des Daseins. Ohne das Bilden bleibt die Furcht innerlich und stumm, und das Bewusstsein wird nicht für es selbst. Formiert das Bewusstsein ohne die erste absolute Furcht, so ist es nur ein eitler eigener Sinn; denn seine Form oder Negativität ist nicht die Negativität an sich; und sein Formieren kann ihm daher nicht das Bewusstsein seiner als des Wesens geben.“ (Hegel, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*, p. 136. 2006).

Se não suportou o medo absoluto, mas somente alguma angústia, a essência negativa ficou sendo para ela algo exterior: sua substância não foi integralmente contaminada por ela. Enquanto todos os conteúdos de sua consciência natural não forem abalados, essa consciência pertence ainda, *em si*, ao ser determinado. O sentido próprio é obstinação [eigene Sinn = Eigensinn], uma liberdade que ainda permanece no interior da escravidão. Como nesse caso a pura forma não pode tornar-se essência, assim também essa forma, considerada como expansão para além do singular, não pode ser um formar universal, conceito absoluto; mas apenas uma habilidade que domina uma certa coisa, mas não domina a potência universal e a essência objetiva em sua totalidade.⁶⁸ (Ibidem, §196 p. 151).

A liberdade parcial ocorrida aqui não consiste num demérito ou uma falsa liberdade, pelo contrário, a liberdade realizada na formação do trabalho (*Arbeit*) tem todos os seus méritos e constitui o primeiro passo concreto para a efetivação da liberdade em sua concretude plena, pois aqui a consciência fez a experiência da liberdade sentindo-a e intuindo-a como parte sua e totalmente possível de uma concretude, uma objetividade imanente e inerente à consciência na realização e busca do seu ser ou essência universal que lhe é própria.

A experiência da liberdade parcial posta pela formação é a idéia de liberdade, uma idéia que se põe como possibilidade real que, todavia, ainda não é efetiva (concreta), mas incompleta. A idéia de liberdade é, aqui, incompleta porque a dialética formativa do trabalho (*Arbeit*) não foi capaz de constituir uma formação universal efetivadora de uma abolição ativa de toda e qualquer sujeição, pois a figura do senhor é uma figura falida, mas ativa e

⁶⁸ "(...) Hat es nicht die absolute Furcht, sondern nur eigene Angst ausgestanden, so ist das negative Wesen ihm ein äusserliches geblieben, seine Substanz ist von ihm nicht durch und durch angesteckt. Indem nicht alle Erfüllungen seines natürlichen Bewusstseins wankend geworden, gehört es an sich noch bestimmtem Sein an; der eigenne Sinn ist Eigensinn, eine Freiheit, welche noch innerhalb der Knechtschaft stehen bleibt. So wenig ihm die reine Form zum Wesen werden kann, so wenig ist sie, als Ausbreitung über das Einzelne betrachtet, allgemeines Bilden, absoluter Begriff, sondern eine Geschicklichkeit, welche nur über einiges, nicht über die allgemeine Macht und das ganze gegenständliche Wesen mächtig ist." (Hegel, G. W. F. Phänomenologie des Geistes, p.136. 2006).

necessária que nesse processo foi supracumida (*aufheben*) pelo escravo, mas não efetivou a liberdade; fator que torna a formação do trabalho (*Arbeit*) singular, parcial e não universal.

Contudo, a formação do si da consciência consiste no início do percurso, que pelo desenvolvimento do trabalho (*Arbeit*) no mundo humano (histórico) aqui realizado, tem por obstinação a efetivação desse ideal (presença do espírito) de liberdade, o qual transforma o mundo e conseqüentemente o pensamento já que ambos foram vinculados na formação da consciência de si⁶⁹.

Deste modo, percebemos que a formação da consciência de si constitui-se de três momentos chave: a formação do outro em algo produzido pela consciência que traz à tona para nós a assimilação do objeto pelo sujeito que é o produto; o produto nos traz à tona o mundo humano ou histórico, no qual o homem cômico fez, faz e fará a realidade que o cerca; e, como tudo que é histórico tem pensamento e, portanto, também o tempo; todas as experiências vivenciadas pela consciência nestes momentos a fazem sentir e intuir sua liberdade como um ideal a ser buscado e efetivado.

⁶⁹ “É verdade que, no escravo propriamente dito, essa noção de liberdade ainda não corresponde a uma verdadeira realidade. Ele só se liberta mentalmente graças ao trabalho forçado, só porque é escravo de um senhor. E, com efeito, permanece escravo. Só se liberta, por assim dizer, para ser livremente escravo, para ser ainda mais escravo do que era antes de ter formado a idéia de liberdade. Mas, a insuficiência do escravo é, ao mesmo tempo, a sua perfeição: é por não ser realmente livre que ele tem uma idéia da liberdade, uma idéia não realizada, mas que pode ser realizada pela transformação consciente e voluntária da existência dada, pela abolição ativa da sujeição. O senhor, porém, é livre; sua idéia da liberdade não é abstrata. Por isso, não é uma idéia no sentido próprio do termo, um ideal a realizar. Eis porque o senhor não consegue nunca ultrapassar a liberdade realizada nele e a insuficiência dessa liberdade. O progresso na realização da liberdade só pode ser efetuado pelo escravo, que parte de um ideal não realizado da liberdade. E é porque ele tem um ideal, uma idéia abstrata, que o progresso da realização da liberdade pode terminar por uma compreensão da liberdade, pelo nascimento da idéia absoluta (*absolute Idee*) da liberdade humana, revelada no e pelo saber absoluto.” (Kojève, A. Introdução à leitura de Hegel. p. 171. 2002).

Todo processo de formação da consciência de si nos evidencia que a liberdade para Hegel prescinde de uma reflexividade pura ou abstrata e consiste na adequação entre sujeito e objeto como a primazia constitutiva para intuição e realização da idéia de liberdade como analisado por Hösle (2007, p. 418).

Como neste momento a consciência está de posse da idéia de liberdade, ela a experimentará em seu todo, isto é, fará a experiência de pensamento desse ideal de liberdade nas suas concepções mais elevadas na história humana: o estoicismo, o ceticismo e a consciência infeliz ou cristã. Somente após a experiência dessas figuras do pensamento a consciência completará a formação advinda do trabalho (*Arbeit*).

CAPÍTULO IV

O Estatuto Formador do Trabalho

Após as análises precedentes, devemos por em clarividência qual o estatuto formador do trabalho (*Arbeit*). Se pensarmos no significado da palavra estatuto, vem à nossa mente um conjunto de regras jurídicas, a organização de algo ou o status. Quando nos referimos a estatuto, queremos dizer a concepção filosófica da categoria do trabalho (*Arbeit*) e seu caráter formador na consciência de si (*Selbstbewusstsein*) hegeliana, ou seja, o seu status.

O status do trabalho (*Arbeit*) se refere à sua concepção filosófica de categoria⁷⁰. O trabalho (*Arbeit*) adquire uma concepção filosófica de categoria por se apresentar como movimento mediador e transformador da consciência de si e do mundo que a cerca.

Vimos que o desenrolar desse movimento considera um longo processo dialético de desenvolvimento do trabalho enquanto categoria filosófica. Lembramos que o trabalho não se apresenta para a consciência de imediato, como algo que ela sempre fez e faz. Ao contrário, o movimento que se apresenta primeiro à consciência é o desejo (*Begierde*). É o desejo (*Begierde*) que, ao se desenvolver e receber a sua negação sobre si mesmo executada pelo outro desejo (*Begierde*) igual a ele, conseqüentemente se transmuda em trabalho.

⁷⁰ Relembramos que categoria filosófica do trabalho ou concepção filosófica desta categoria aqui se refere a um conceito genérico ou fundamental usado para elaborar ou expressar um ou vários pensamentos.

Podemos resumir esse movimento da seguinte maneira: o processo dialético inerente ao próprio movimento do desejo (*Begierde*) gera a duplicação dos desejos que consiste na duplicação da consciência de si que, por sua vez, resulta na luta das consciências de si desejantes, a qual gera a divisão do conceito de desejo (*Begierde*) transformando-o em desejo (*Begierde*) e desejo refreado (*gehemmte Begierde*). O desejo refreado (*gehemmte Begierde*) constitui o outro do desejo (*Begierde*) porque não consiste mais num movimento de pura negação que afirma a consciência imediatamente no mundo; contudo, se constitui destarte na negação oposta já que a sua negação consiste na transformação e produção do que lhe é dado como o oposto. Logo, tudo aquilo que constitui transformação, formação, produção, etc., é trabalho (*Arbeit*) humano e, por isso, o outro do desejo é o trabalho (*Arbeit*).

Assim, pensamos deixar evidente que o trabalho (*Arbeit*) se constitui como o resultado de um processo ativo da consciência na sua relação com a realidade que a cerca. Uma vez que o trabalho deriva de um processo ativo da consciência, ele é ação transformadora.

Esse momento pode ser entendido da seguinte maneira: o trabalho (*Arbeit*) é o processo de transformação da coisa natural em produto, isto é, o processo do trabalho sobre a coisa natural (independente) desencadeia uma ação continuada de repressão ou refreamento do desejo (*Begierde*), porque, ao contrário do desejo (*Begierde*), o trabalho (*Arbeit*) rompe com o puro negar do objeto para imprimir-lhe um sentido e resguardá-lo no elemento do permanecer, no qual o desaparecer do objeto realiza a transformação dele em um novo objeto pleno daquilo que a consciência quer e, por isso, o consumo

consiste na forma de um desaparecer contido e gerador de permanência do objeto. Esta nova forma de relação negativa para com o objeto lhe reconstitui como singularidade e identidade com a consciência trabalhadora que pela primeira vez pode se ver como formadora e instituidora da realidade que a cerca.

Ora, o processo do trabalho ao transformar também forma e, por isso, evidencia o que podemos chamar de agir formativo do trabalho. O trabalho (*Arbeit*) caracteriza-se através da relação de assimilação entre a consciência (o sujeito) e a coisa (objeto) porque o trabalho (*Arbeit*) objetivou-se no objeto trabalhado, constituindo o produto que permanece mesmo após sua negação e conferindo ao produto uma positividade ou negação positiva que consiste na efetivação da consciência que se vê como instituidora e formadora da realidade, pois a realidade é vinculada à consciência e não mais oposta a ela, é o diferente que preserva no vínculo a identidade. A consciência trabalhadora adquire o seu para si porque supassumiu (*aufheben*) a independência do outro que agora é um não-diferente.

Porém, o trabalho (*Arbeit*) colhe como resultado do seu agir formativo um segundo movimento que mostrará que o movimento do trabalho não tem apenas esse caráter positivo de transformação da coisa em produto.

A caracterização sintética deste segundo movimento do agir formativo do trabalho se explica do seguinte modo: quando o trabalho (*Arbeit*) desencadeia o processo dialético que supassume (*aufheben*) o objeto em produto plasmando-o do conteúdo da consciência através de sua nova forma e, assim, efetivando a consciência trabalhadora como consciência para si, esta

positividade dialeticamente atua negativamente na consciência afirmando seu para si como seu si. Este movimento formativo é possível pela vinculação ocorrida na relação formadora que assimila sujeito e objeto, consciência trabalhadora e objeto trabalhado. O vínculo obtido na relação modificou justamente a essência do objeto do trabalhador que era o objeto negativo essente oposto – o outro, o diferente – para produto da e para a consciência que tem na essência o não diferente ou identidade na diferença.

Essa descrição do movimento realizado pelo trabalho resgata a concepção do trabalho como *poiésis*⁷¹, ou seja, o trabalho como gerador, fabricante e produtor de mundo. Este caráter de *poiésis* faz referência ao homônimo conceito aristotélico.

No momento positivo do trabalho (*Arbeit*), isto é, no momento em que o trabalho (*Arbeit*) aparece apenas como transformação da coisa em produto, ele pode ser relacionado com o termo aristotélico de *poiésis*,⁷² pois esse termo, para Aristóteles, significa produzir, fabricar, gerar algo novo, seja um soneto ou uma nave. O termo *poiésis* não faz distinção se o que foi produzido é uma transformação da matéria ou uma criação artística; sendo produção é *poiésis*. Logo, o termo *poiésis* pode ser relacionado com o conceito de trabalho (*Arbeit*) no seu aspecto positivo, no qual o trabalho (*Arbeit*) transforma a coisa em produto e, assim, cria algo novo.

⁷¹ Do grego *Ποίησις, εως, s.f.(ποιέω)*: criação, ação, fabricação, confecção, arte da poesia, faculdade poética, poesia, poema, criação legal por adoção, adoção.

⁷² A relação do trabalho (*Arbeit*) com o termo aristotélico *poiésis* é apontado e desenvolvido com muita clareza por Siep e Bourgeois. (C.f. Siep, L. *Der Weg des Phänomenologie des Geistes*, p. 104-106. 2000; e Bourgeois, B. *Os atos do espírito*, p. 363-367. 2004).

Porém, na discussão hegeliana essa referência acaba adquirindo um novo sentido. Esse novo sentido da *poiésis* se apresenta de maneira inovadora porque o trabalho (*Arbeit*) não tem apenas a função de fabricar e produzir as coisas novas, mas, também, o trabalho (*Arbeit*) plasma o objeto com o sujeito de modo recíproco e mútuo. A relação na qual o sujeito e o objeto são plasmados mutuamente não está implícito ou explícito no termo aristotélico de *poiésis*, ou seja, o segundo agir formativo do trabalho não é contemplado pela *poiésis* aristotélica. A originalidade de Hegel está nessa reformulação da *poiésis*, a qual o produzir forma (*bilden*) o sujeito e o objeto criando uma realidade vinculante entre eles.

Essa realidade vinculante advinda do produto criado pelo trabalho traz consigo a formação realizada pelo trabalho, ou seja, ao trabalhar a consciência destrói ao mesmo tempo em que reconstitui esse negativo alheio e, por isso, apropria-se dele como fez com a coisa ao transformá-la em produto. Porquanto o processo formativo do trabalho (*Arbeit*) consiste em formar a suprassunção (*Aufhebung*) dos momentos necessários já percorridos e sentidos pela consciência na dialética do senhor e do escravo realizando seu si neste mundo trabalhado por ela e que representa a história da consciência de si, ou seja, do homem. Os momentos do medo e do serviço e o momento do formar suprassumem-se (*aufheben*) num só momento que os torna em uma maneira específica de universal que se põe como essa realidade concreta trabalhada.

Essa ação formativa do trabalho que suprassume (*aufheben*) todos os momentos da dialética do senhor e do escravo e gera esta universalidade

específica vinculada com a realidade concreta trabalhada nos coloca o conceito de *Bildung* (Formação) ⁷³ desenvolvido pelo idealismo e romantismo alemão.

A *Bildung* (Formação) pensada por Hegel e do modo como aparece no processo formativo do trabalho (*Arbeit*) significa a ruptura com o imediato, com o natural num processo de transmutação do homem (consciência de si) e do natural, o que significa dizer: no movimento desencadeado e realizado pelo trabalho (*Arbeit*), a *Bildung* se apresenta como a formação prática que efetiva a formação de si pela formação das coisas de modo mútuo e recíproco. Nesta formação prática de si e das coisas, a consciência trabalhadora se liberta e efetiva seu si. Isto ocorre porquanto a consciência trabalhadora transforma as coisas que a cercam e a transforma a si mesma suprassumindo (*aufheben*) todos os momentos experimentados por ela na realidade concreta.⁷⁴

A *Bildung* apresentada como este aspecto prático da formação que leva em conta o mundo concreto (social, histórico) e a universalidade apresentada pela concretude do mundo em relação à ação humana (trabalho)

⁷³ O conceito de *Bildung* (Formação) é um conceito comum aos filósofos, romancistas e poetas do século XIX, em especial aqueles ligados ao idealismo ou romantismo alemão. Tanto na literatura sobre Hegel quanto nos estudos sobre os românticos alemães (Goethe – que é enquadrado no classicismo e depois adere ao romantismo –, Schlegel, entre outros) o termo *Bildung* aparece com características comuns. O significado comum de *Bildung* consiste no processo cultural de formação do indivíduo e do mundo que o cerca, isto é, a língua, as artes, as ciências, a religião, etc. Berman apresenta também uma argumentação interessante na qual compara Hegel e Goethe – em especial o Goethe dos romances “Os anos de aprendizagem de Wilhem Meister” e “Os anos de peregrinação de Wilhem Meister” – e as semelhanças do conceito de *Bildung* entre ambos. (c.f. Berman, A. *Bildung et Bildungsromam*)

⁷⁴ A respeito do conceito de *Bildung* contido na dialética do senhor e do escravo, citaremos como ilustração a seguinte passagem de Berman: “(...) Mais on peut bien aussi dire, inversement, que la *Bildung* se définit comme un travail. Car la formation dont il est question ici, c’ est la *praktische Bildung*, la formation de soi par la formation de choses. L’ université atteinte par l’ individu (mais aussi bien un peuple, une langue, une littérature), c’ est la dure et laborieuse universalité de la praxis.” (Berman, A. *Bildung et Bildungsromam* p. 144. 1984). “(...) Mas também se pode bem dizer, de outro modo, que a *Bildung* se define como um trabalho. Porque a formação a qual está em questão aqui, é a *praktische Bildung*, a formação de si pela formação das coisas. A universalidade põe-se para fora pelo indivíduo (mas também um povo, uma língua, uma literatura), é a dura e laboriosa universalidade da práxis. (Berman, A. *Formação e Romance de Formação*, p.144. 1984).

coloca Hegel como um dos primeiros filósofos a tematizar a cultura do trabalho⁷⁵. A cultura do trabalho de que tratamos agora não será desenvolvida em sua plenitude no capítulo IV da “Fenomenologia do Espírito”, mas no capítulo VI como pressuposto para discutir a cultura e nas discussões sobre o espírito objetivo, como no caso dos “Princípios da Filosofia do Direito” no capítulo sobre a sociedade civil.

Embora a cultura do trabalho não seja enfatizada do mesmo modo que nas discussões sobre o espírito objetivo, podemos tratar dela aqui porque a realidade concreta que permite a emancipação da consciência escrava e que leva a consciência de si à efetivação de seu si traçando os caminhos para a liberdade da consciência e a possibilidade de um reconhecimento efetivo das consciências constitui a realidade trabalhada ou o mundo trabalhado.

O trabalho (*Arbeit*) forma (*bilden*) a consciência e a liberta colocando-a no mundo do espírito que é o mundo da *praktische Bildung*. O espírito justamente se faz presente porque a consciência trabalhadora experimenta o mundo em uma de suas figuras históricas e sociais (relação de dominação e escravidão), desenvolve sua autonomia a partir da realidade concreta construindo o caminho em direção da liberdade, e, toda essa jornada experimentada pela consciência é sua *praktische Bildung* ou o espírito já presente: “Eu que é Nós e Nós que é Eu”.⁷⁶

⁷⁵ O termo “cultura do trabalho” empregado por nós não pretende trazer nenhuma visão marxista para o texto de Hegel, tão pouco ignorar o papel do espírito na formação da consciência.

⁷⁶ “(...) Ich, das Wir, und Wir, das Ich ist.” (Hegel, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes*. p. 127. 2006).

Dessarte, todos os aspectos contidos nos desdobramentos do movimento dialético do trabalho (*Arbeit*), isto é, relação vinculante com o mundo, supressão (*Aufhebung*) da dicotomia sujeito/objeto, Formação de si e das coisas mútua e reciprocamente (*poiésis* e *Bildung*), construção concreta do caminho da liberdade e presença do espírito fazem do trabalho (*Arbeit*) um termo filosófico ímpar dentro do capítulo IV da “Fenomenologia do Espírito” e colocam Hegel como um dos primeiros e mais importantes filósofos a tematizar o trabalho (*Arbeit*) filosoficamente ou dentro de uma concepção filosófica, o que equivale a dizer: o trabalho (*Arbeit*) como categoria filosófica.

O estatuto formador do trabalho (*Arbeit*) reside justamente nos desdobramentos provocados pelo seu movimento. Podemos afirmar que o trabalho tem estatuto – ou *Status* – formador pelas inúmeras qualidades geradas por ele no desenvolvimento do texto hegeliano, aqui o capítulo IV da Fenomenologia do Espírito, como sua relação vinculante com o mundo, a supressão da dicotomia sujeito e objeto, a apresentação do trabalho como *poiésis* em um primeiro momento, a reconceituação da *poiésis*, sua apresentação derradeira como *Bildung* e *praktische Bildung*, que geram e concretizam principalmente a libertação da consciência de si e sua entrada no mundo do espírito que constitui o mundo trabalhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa desenvolvida para esta dissertação sempre nos preocupamos em elaborar uma análise minuciosa do texto hegeliano contido no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito procurando no texto do referido capítulo as principais referências e fundamentos para nossa argumentação, explicação e asserção a respeito da questão norteadora explicitada na introdução: qual a concepção filosófica da categoria do trabalho (*Arbeit*) e seu caráter formador na consciência de si (*Selbstbewusstsein*) hegeliana, ou melhor, *qual o estatuto formador do trabalho no capítulo IV da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel?* Esta questão é totalmente fundamentada no texto hegeliano.

Para um maior aprofundamento, debate e enriquecimento da nossa argumentação fizemos uma vasta pesquisa na literatura sobre Hegel, tanto nacional quanto internacional, visitando comentários clássicos sobre o autor, comentários mais recentes e o debate contemporâneo realizado em periódicos filosóficos nacionais e internacionais. Contudo, na literatura pesquisada por nós, não encontramos grandes explicações, argumentações ou debates sobre a questão do trabalho (*Arbeit*) e seu caráter formador no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito, o que deixa nossa pesquisa particularmente interessante.

Na falta de vastos comentários que comentem a questão proposta por nós, optamos, muitas vezes, por uma argumentação endógena ao texto

hegeliano na tentativa de não parecermos superficiais ou levianos. Ademais, sempre que tivemos oportunidade trouxemos comentadores para elucidar ou debater os conceitos utilizados por Hegel.

No que tange a estrutura da dissertação dividimo-la em quatro momentos: no primeiro capítulo – O Desejo e seu Outro – nos esforçamos em mostrar que o movimento do desejo (*Begierde*) dialeticamente se transmuda em trabalho (*Arbeit*) e que apesar da consciência se apresentar como desejo (*Begierde*) em geral ela vem-a-ser trabalho.

No segundo capítulo – O Caráter Mediador do Trabalho na Dialética do Senhor e do Escravo – nosso esforço consistiu em mostrar como o trabalho (*Arbeit*) adquire uma função mediadora na dialética do senhor e do escravo e, por isso, aparece como o meio efetivador da relação das consciências entre si e o mundo.

No terceiro capítulo – A Formação da Consciência de Si – destacamos laboriosamente o caráter formador contido no trabalho (*Arbeit*) que forma a consciência de si elaborando uma relação vinculante dela com o mundo, efetivando seu Si e construindo caminho na realidade concreta para a sua liberdade.

Por fim, no quarto capítulo – O Estatuto Formador do Trabalho – tentamos explicar de maneira direta e sintética o que foi discutido nos capítulos anteriores, enfatizando e debatendo assuntos tratados *en passant* tais como o trabalho (*Arbeit*) como *poiésis* e a *praktische Bildung* ocasionada pelo trabalho,

para mostrar como é possível afirmar que o trabalho (*Arbeit*) possui um estatuto formador no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito.

Estamos certos de ter fornecido subsídios razoavelmente suficientes para que o leitor compreenda o estatuto formador do trabalho e as condições pela qual podemos afirmá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Hegel.

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2006.

_____. *Fenomenologia do Espírito*. Trad.: Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio v. 3 – A Filosofia do Espírito*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo, Loyola, 1995.

_____. *Princípios da Filosofia do Direito*. Trad.: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Obras Secundárias.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad: Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2006.

_____. *Política*. Trad: Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

ARANTES, P. E. *Hegel: A Ordem do Tempo*. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

_____. *Ressentimento da Dialética: Dialética e Experiência Intelectual em Hegel: Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BORNHEIM, G. A. *Dialética: Teoria e Práxis*. Porto Alegre: Globo, 1983.

BOURGEOIS, B. *Os Atos do Espírito*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Trad.: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, M. *Hegels Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988.

HYPOLITE, J. *Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Trad.: Sílvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

_____. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Trad.: José Marcos Lima. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

KOJÈVE, A. *Introdução à Leitura de Hegel*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ, 2002.

LEBRUN, G. *La Patience du Concept: Essai sur l'ê Discours Hégélien*. Paris: Éditions Gallimard, 1972.

MARCUSE, M. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MENESES, P. *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1992.

PLATÃO. Fédon. In *Coleção Os Pensadores vol. Platão*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PÖGGELER, O. *Études Hégéliennes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1985.

RAMOS, C. A. *Liberdade Subjetiva e Estado na Filosofia Política de Hegel*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

RÖD, W. *Filosofia Dialética Moderna*. Trad.: Maria Cecília Maringoni de Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

SANTOS, J. H. *Trabalho e Riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *O Trabalho do Negativo*. São Paulo: Loyola, 2007.

SIEP, L. Der Weg der Phänomenologie des Geistes. Frankfurt: SUHRKAMP, 2000.

Artigos Consultados em Periódicos.

BERMAN, A. Bildung et Bildungsroman. **Les Temps de la Réflexion**, Paris, v. 4, p. 141-159. 1984.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, nº112, p. 191-198. Dez/2005.

GONÇALVES, M. Uma concepção dialética da arte a partir da gênese do conceito de trabalho na Fenomenologia do Espírito de Hegel. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, nº112, p. 260-272. Dez/2005.